

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

**Vinicius de Oliveira Martins Ferreira**

**FUTEBOL, SIGNIFICAÇÕES E IDENTIDADES:  
as representações de Maradona no imaginário popular argentino**

**TAUBATÉ-SP**

**2020**

**Vinicius De Oliveira Martins Ferreira**

**FUTEBOL, SIGNIFICAÇÕES E IDENTIDADES:  
as representações de Maradona no imaginário popular argentino**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do certificado de Graduação do Curso de Licenciatura em História do Departamento de Ciências Sociais e Letras da Universidade de Taubaté. Orientador: Professor Doutor Moacir José dos Santos.

**TAUBATÉ-SP**

**2020**

**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBi  
Universidade de Taubaté - UNITAU**

F383f Ferreira, Vinicius de Oliveira Martins

Futebol, significações e identidade : as representações de Maradona no imaginário popular argentino / Vinicius de Oliveira Martins Ferreira. -- 2020.

69 f. : il.

Monografia ( graduação) - Universidade de Taubaté,  
Departamento de Ciências Sociais e Letras, 2020.

Orientação: Prof. Dr. Moacir José dos Santos, Instituto Básico de Humanidades.

1. Cultura. 2. História Social. 3. Maradona, Diego, 1960-2020.  
4. Identidade social. 5. Futebol – Argentina. I. Universidade de Taubaté. Departamento de Ciências Sociais e Letras. Curso de História. II. Título.

CDD - 306

**VINICIUS DE OLIVEIRA MARTINS  
FERREIRA**

**FUTEBOL, SIGNIFICAÇÕES E  
IDENTIDADES: as representações de  
Maradona no imaginário popular  
argentino**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado para obtenção do certificado de  
Graduação do Curso de Licenciatura em  
História do Departamento de Ciências  
Sociais e Letras da Universidade de  
Taubaté.

Orientador: Professor Doutor Moacir José  
dos Santos.

Data: 01 de dezembro de 2020.

Resultado:

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Doutor Moacir José dos Santos

Universidade de Taubaté

Assinatura:

Prof. Doutora Suzana Ribeiro Lopes Salgado

Assinatura:

Prof. Doutora Maria Fátima de Toledo Melo

Assinatura:

Ao meu núcleo familiar mais elementar (pais e irmãos), pelo emprego de todo o esforço e suporte financeiro que colaboraram para garantir minha inserção e permanência no ensino superior, bem como pelos valores humanos que me legaram, princípio da minha utopia de luta por justiça social.

## AGRADECIMENTOS

À falecida, porém inesquecível e amada, Beatriz, minha ex-colega de turma por quem sempre deverei inestimável gratidão intelectual e sentimental, contraídas durante nossa convivência no meu processo de formação. Devo a ela também, de certa forma, boa parte da energia que me impede de abandonar a crença e a luta por um futuro de sociedades mais igualitárias. Para sempre uma grande inspiração.

Aos meus pais, Moacir e Maria Angélica, ambos de origem social modesta, por valorizarem o potencial transformador de uma educação de qualidade, sacrificando, para tanto, parte dos seus tempos e recursos disponíveis em benefício do desenvolvimento cognitivo e cultural de seus filhos.

Aos queridos amigos de turma, Jonata Cavalcanti, João Pedro, Allan Araújo, Jéssica Mendonça, Diego Matheus, Rafael Matos, Yudi Hirakawa e Paula Ariane, por compartilharem comigo tantos momentos deliciosos.

À querida professora Suzana, quem me orientou no começo do trabalho, transbordando em minhas reflexões alguns dos conceitos presentes em seu amplo repertório teórico-epistemológico.

Ao importantíssimo apoio e conhecimento compartilhado pela professora Fátima, quem me indicou algumas obras e leituras fundamentais para a elaboração do trabalho.

Ao professor Moacir, por todo incentivo e pela competente orientação que beneficiou minhas reflexões ao longo dessa trajetória, bem como pelo consentimento em me acolher como seu orientando nesta monografia.

Aos irmãos Vitor Hugo e Henrique Veron, pelo carinho e reconhecimento que sempre dedicaram a mim.

Aos demais professores e funcionários do departamento, bem como aos amigos, Ana Caroline, Lucas Leite, Diego Viana, Rafael Almeida, Jean Luca e Vinicius Gomes.

Aos colaboradores argentinos que cederam seu tempo e suas narrativas para a construção deste trabalho.

À Deus, por ter me protegido de toda infortuna até aqui.

”Todos sabemos que uno puede, a lo largo de una vida, mudarse de barrio o de ciudad, cambiar sus opiniones políticas y hasta de pertenencia social; pero, sobre todo en nuestra sociedad (argentina), es mucho más raro, casi una patología, encontrar a alguien que haya cambiado de colores, de equipo, de esa lealtad elemental que constituye nuestra futbolera pasión personal”.

Juan Pablo Ferreiro

## RESUMO

O esporte mais popular do mundo contemporâneo gestou-se na segunda metade do século XIX em solo inglês, no bojo de um processo de avanço do sistema capitalista marcado pela Segunda Revolução Industrial, que delinearía por sua vez as diretrizes políticas do expansionismo imperialista das potências ocidentais em torno do globo. Diante desse quadro, o futebol surge inicialmente como prática esportiva e de sociabilidade restrita necessária à formação do caráter das elites dominantes do Império britânico. Em outras palavras, o futebol moderno projeta-se como ferramenta de afirmação do Darwinismo Social. Contudo, alguns elementos inerentes a essa nova prática cultural irão conduzi-la a uma transposição de fronteiras não somente sociais, mas também geográficas. Na medida em que o fenômeno passa a ser apropriado por outras classes sociais e nações, constata-se a atribuição de uma variedade de novos significados conferidos ao ato de jogar e acompanhar futebol, preservando, contudo, algumas características elementares aparentemente universais, que foram historicamente observadas no envolvimento social que se gera a partir da adesão ao novo esporte. Dito isso, ao vê-lo cruzar o Oceano Atlântico como artigo de exportação inglês e tornar-se rapidamente a principal atividade esportiva em países como Brasil e Argentina – o segundo de onde provém o objeto de estudo deste trabalho -, considerou-se objetivo desta pesquisa explorar o processo contínuo de construção simbólica de identidades sociais e nacionais na Argentina a partir do engajamento das massas ao futebol, incorporado definitivamente ao país durante o século XX. Nesse sentido, na medida em que é possível conceber o futebol como metáfora da vida, buscou-se examiná-lo à luz da História social da cultura, com base numa abordagem que privilegiou articular elementos pertencentes à formação histórica e sociocultural da república argentina à estruturas e componentes inerentes ao próprio jogo – compreendido como uma dramatização da vida social -, tendo como foco a análise do conteúdo de afirmações identitárias baseadas no pertencimento, por vezes interseccional, à um tipo de nação, à classe e/ou ao bairro presente nas representações contemporâneas conferidas ao principal ídolo da história do futebol argentino: Diego Armando Maradona. Para tanto, foram feitas análises iconográficas de três monumentos artísticos dedicados à memória de Maradona, localizados nos bairros de La Boca, Barracas e La Paternal (Buenos Aires-ARG). Além disso, também foram feitas entrevistas em História oral acerca do tema com pessoas comuns dos bairros supracitados, bem como anotações feitas a partir das observações de campo realizadas nestes locais. Todas as fontes foram produzidas já no século XXI.

**PALAVRAS-CHAVE:** História social da cultura; Diego Armando Maradona; Identidades nacionais e sociais na Argentina; Futebol argentino.



## RESUMEN

El deporte más popular del mundo contemporáneo se generó en la segunda mitad del siglo XIX en suelo inglés, en el bojo de un proceso de avance del sistema capitalista marcado por la Segunda Revolución Industrial, que delinearía a la vez las directrices políticas del expansionismo imperialista de las potencias occidentales alrededor del globo. Delante de este cuadro, el fútbol surge inicialmente como práctica deportiva y de sociabilidad restringida necesaria a la formación del carácter de las elites dominantes del Imperio británico. En otras palabras, el fútbol moderno se proyecta como herramienta de afirmación del Darwinismo Social. Sin embargo, algunos elementos inherentes a esta nueva práctica cultural irán conducirla a una transposición de fronteras no solamente sociales, pero también geográficas. En la medida en que el fenómeno pasa a ser apropiado por otras clases sociales y naciones, se constata la atribución de una variedad de nuevos significados conferidos al acto de jugar y acompañar fútbol, preservando, sin embargo, algunas características elementales aparentemente universales, que fueron históricamente observadas en el involucramiento social que se genera a partir de la adhesión al nuevo deporte. Dicho eso, al verlo cruzar el Océano Atlántico como artículo de exportación inglés y tornarse rápidamente la principal actividad deportiva en países como Brasil y la Argentina – el segundo de donde proviene el objeto de estudio de este trabajo -, se consideró objetivo de esta búsqueda explotar el proceso continuo de construcción simbólica de identidades sociales y nacionales en la Argentina a partir del involucramiento de las masas al fútbol, incorporado definitivamente al país durante el siglo XX. En este sentido, en la medida en que es posible concebir el fútbol como metáfora de la vida, se buscó examinarlo a la luz de la Historia social de la cultura, en base en un abordaje que privilegió articular elementos pertenecientes a la formación histórica y sociocultural de la república argentina a las estructuras y componentes inherentes al propio juego – comprendido como una dramatización de la vida social -, teniendo como enfoque el análisis del contenido de afirmaciones identitarias basadas en la pertenencia, por veces interseccional, a un tipo de nación, a la clase y/o al barrio presente en las representaciones contemporáneas conferidas al principal ídolo de la historia del fútbol argentino: Diego Armando Maradona. Para tanto, se hicieron análisis iconográficos de tres monumentos artísticos dedicados a la memoria de Maradona, ubicados en los barrios de La Boca, Barracas y La Paternal (Buenos Aires-ARG). Además, se hicieron también entrevistas en Historia oral acerca del tema con la gente común de los barrios citados encima, bien como anotaciones hechas a partir de las observaciones de campo realizadas en estos locales. Todas las fuentes fueron producidas ya en el siglo XXI.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1:** Dois Maradonas: um nacional e outro do bairro..... 55
- Figura 2:** A Capela Sistina do futebol argentino..... 58
- Figura 3:** Maradona em pose patriótica..... 61

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. FUTEBOL: METÁFORA DA VIDA</b> .....	13
<b>1.1 O futebol moderno: invenção inglesa e capitalista</b> .....	14
<b>1.2 Do futebol amador ao futebol profissional: popularização e repercussões sociais do fenômeno no Ocidente</b> .....	19
<b>1.3 Uma breve História da “fundação” do futebol argentino</b> .....	27
<b>2. A FORMAÇÃO HISTÓRICA E SOCIOCULTURAL DA REPÚBLICA ARGENTINA: ANTAGONISMOS E LUTAS SIMBÓLICAS</b> .....	31
<b>2.1 As origens do nacionalismo argentino: federalismo, caudilhismo e populismo</b> .....	31
<b>2.2 As novas tensões e as “novas” bandeiras do século XX: urbanização, depressão, yrigoyenismo e peronismo</b> .....	38
<b>2.3 A Argentina de Maradona: um nacionalismo plebeu num mundo globalizado e neoliberal</b> .....	47
<b>3. REPRESENTAÇÕES DE MARADONA E DO FUTEBOL ARGENTINO NO SÉCULO XXI: HISTÓRIA ORAL E ANÁLISE ICONOGRÁFICA</b> .....	51
<b>3.1 Conhecendo La Paternal: Maradona e o bairro</b> .....	52
<b>3.2 Conhecendo Barracas: um projeto de inclusão social</b> .....	56
<b>3.3 Conhecendo La Boca: um Maradona humilde e destemido</b> .....	60
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	63
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	65
<b>FONTES</b> .....	68

## INTRODUÇÃO

Nascido na Inglaterra durante a segunda metade do século XIX, o futebol moderno manifesta-se inicialmente como um fenômeno cultural exclusivo da elite britânica, interessada em desenvolver uma atividade esportiva que fortalecesse os vínculos e a solidariedade de classe entre os *gentleman*, bem como forjar etiquetas e um código moral compatíveis com as ambições da elite que conduziu a expansão do Império britânico à América Latina, Ásia, Oceania e África, no curso do processo nomeado de Segunda Revolução Industrial.

Apesar de sua origem, o futebol expandiu fronteiras e fascinou multidões. Transcendeu os limites dos colégios e dos castelos das elites inglesas e tornou-se atividade competitiva entre os trabalhadores das cidades industriais de Manchester, Liverpool, etc. Atravessou o Oceano Atlântico e chegou até a América, onde repetiu o mesmo processo de adesão.

Sendo assim, a observação desse processo de contínua expansão e apropriação do futebol por diversas sociedades e coletivos humanos levou muitos indivíduos a refletirem sobre as relações entre futebol e sociedade, de maneira a decifrar seus sentidos e segredos. Contudo, constatou-se uma enxurrada de interpretações insatisfatórias sobre o futebol durante a tentativa de concebê-lo ao longo do século XX. Diferentes descrições sobre a mesma prática, que, no entanto, compartilharam uma mesma tendência de abordagem do fenômeno, cuja repercussão popular se daria em função da presença de algum fato sociopolítico vertical e conscientemente determinável: distração das massas (pão e circo); empobrecimento cultural (visão elitista sobre um esporte popular marcado pelo imponderável) ou colonização cultural (importação de um produto cultural inglês que reforçaria a dependência das nações periféricas). Não obstante, cumpre ressaltar que nas duas últimas décadas surgiram alguns ótimos estudos e reflexões acerca do futebol na área das ciências sociais, e muitos deles de autoria latino-americana. Perspectivas históricas, sociológicas e antropológicas sobre o mesmo fenômeno que inspiraram e embasaram teoricamente o desenvolvimento dessa pesquisa.

Dito isso, o presente trabalho visa ecoar, e se possível complementar, investigações já iniciadas nas obras do historiador e antropólogo Roberto da Matta (1982) e do sociólogo Pablo Alabarces (2007), cujas perspectivas epistemológicas insistiram em conceber o futebol como um fenômeno histórico e total, que expressa em suas práticas e representações (dramatizando, invertendo, ou omitindo) contradições, relações de poder, valores e expectativas próprias de cada sociedade na qual se é praticado e visto. Nesse sentido, sabendo que o futebol é o esporte disparadamente mais popular do nosso país vizinho, e pensando em identificar aspectos fundamentais da vida social e do imaginário popular do conjunto da população argentina, essa pesquisa possui o intuito de refletir e discorrer sobre a construção simbólica de identidades sociais e nacionais na Argentina pela via do futebol, a partir do exame de representações populares feitas no século XXI em homenagem ao principal jogador da história desse país: Diego Armando Maradona.

Para tanto, recorreu-se especialmente ao embasamento teórico e epistemológico proposto na obra do historiador Hilário Franco Júnior (2007) **“A Dança dos Deuses: futebol, sociedade e cultura”**, na qual o autor demonstra como a história desse esporte se desdobrou num conjunto de transformações relativas às suas regras internas, tecnologias, práticas e

táticas, praticantes e espectadores, solidariedades e rivalidades, e até mesmo nas formas de se incentivar e narrar os feitos do clube ou jogador que se quer bem, em sintonia com o repertório cultural e com a formação sócio-histórica de cada sociedade, determinada num tempo e espaço específicos. Desse modo, considera-se o futebol como fenômeno histórico e metafórico, portanto, total. Ou seja, um fenômeno capaz de traduzir as contradições e dramas do seu tempo, além de, por ser uma prática esportiva vivida como jogo, metaforizar uma série de dimensões da vida humana: sociológica, antropológica, psicológica, religiosa e linguística.

Destarte, dedicou-se um segundo capítulo para se discorrer acerca da formação histórica e sociocultural da república argentina, no esforço de destacar os processos materiais e simbólicos que condicionaram a construção histórica de duas grandes narrativas nacionais que se incumbiram, do século XIX até hoje, em descrever e legitimar um tipo de nação. Duas narrativas essencialmente antagonistas, que refletiram conflitos políticos e sociais da sociedade argentina ao longo de sua formação, sofrendo modificações e ressignificações com a passagem do tempo e em conformidade com a eclosão de novos sujeitos e lutas sociais, sem, contudo, alterar essa moldura polarizada que fundamenta a identidade nacional a partir de dois ângulos opostos. Nessa luta pelo poder de narrar e definir os rumos do país que se iniciou desde a independência política (1810), cruzou o século XX e chegou até os anos 2000, essas duas narrativas disputaram uma hegemonia simbólica que, no limite, representava de um lado os interesses e um projeto político dos grupos dominantes, em contraste com os anseios e culturas das forças políticas e camadas sociais mais modestas da Argentina. Nesse sentido, destacam-se as obras de Nicolas Shumway (2008) “**A Invenção da Argentina: a história de uma ideia**”, relativa ao processo de construção da nação Argentina durante o século XIX, bem como a de Luis Alberto Romero (2012) “**História Contemporânea da Argentina**”, de onde se obtém um estudo detalhado dos principais processos históricos que marcaram o século XX deste país.

Por fim, cumpre mencionar as metodologias empregadas para o exame das fontes documentais que constituem o terceiro capítulo deste trabalho. Como se pode notar, observando a primeira frase deste parágrafo, foi necessário o emprego de dois aportes metodológicos diferentes, em virtude da utilização de dois distintos tipos de documentos para a construção da investigação feita neste capítulo: a saber, história oral e análise iconográfica.

Tendo em vista que o grande objetivo da pesquisa é desenvolver um trabalho de história social da cultura, capturando conflitos, dramas e expectativas presentes na sociedade argentina do século XXI através da análise de discursos coletivos que exploram as relações entre o futebol nacional, Maradona e a nação – articulados ao exame dos processos históricos ocorridos no país nos séculos XIX e XX -, reconheceu-se a legitimidade e a importância do uso desses dois tipos de fontes, já que, a partir delas, é possível vislumbrar a construção do imaginário de pessoas que são de alguma forma ou outra, silenciadas em vários âmbitos do espaço público da sociedade argentina – com exceção, talvez, nas arquibancadas. Para a elaboração da análise das informações obtidas a partir das sete entrevistas – três delas estarão integralmente incorporadas ao último capítulo do trabalho - concedidas por moradores dos bairros de Barracas, La Boca e La Paternal, bairros da grande Buenos Aires-ARG, recorreu-se aos critérios estabelecidos por José Carlos Sebe Bom Meihy e Suzana Lopes Salgado Ribeiro (2011) em “**Guia Prático de História Oral: para empresas, universidades, comunidades e famílias**”, para a produção de uma análise que se enquadra nos termos de “História Oral Temática”, cujo princípio estruturante suscita uma diálogo acerca de assuntos e experiências

conhecidas, imaginadas e/ou vividas pelos colaboradores, que neste caso foram suas relações com a história da pátria e do futebol argentino, e também com Maradona, no sentido de provocá-los a redefinirem representações sobre o passado a partir da construção narrativa ancorada na realidade presente, entendendo que “el presente es, por lo tanto, el momento múltiple y decisivo en el proceso de la narración ya que combina el presente vivido por los informantes y el presente de un observador...” ( ARCHETTI, 2016, p. 44). Vale lembrar que durante o processo de reconhecimento dos colaboradores, foram recolhidas informações socioeconômicas de cada entrevistado com o objetivo de desenvolver uma análise baseada na articulação entre as condições concretas de vida e os respectivos relatos. Além disso, é importante assinalar que todas as entrevistas incorporadas no presente trabalho foram criteriosamente modificadas seguindo o modelo de “transcrição”, observado na obra de Ribeiro e Bom Meihy (2001), cuja estrutura prevê a adaptação do discurso oral ao formato do texto escrito e acadêmico. Ademais, enfatiza-se a pertinência da observação de campo realizada nestes bairros, a fim de registrar impressões pontuais acerca de elementos ali presentes, e que podem virtualmente reforçar o processo de construção da identidade social a partir do futebol. No tocante ao exame das três representações visuais de Maradona produzidas ali nos mesmos bairros de La Boca (2002), Barracas (2014) e em La Paternal (2018), em Buenos aires-ARG, requisitou-se as contribuições observadas nas obras de Peter Burke (2016) “*Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*” e de Roland Barthes (2003) “*Mitologias*”, que discutem, respectivamente, a importância da iconografia na produção historiográfica sobre o tema das mentalidades, bem como a relevância da análise semiótica na decifração dos significados de linguagens visuais.

Sendo assim, espera-se que este trabalho possa repercutir o avanço daquelas tendências mais recentes da produção historiográfica, insistindo na ampliação e diversificação de fontes, sujeitos e objetos históricos. Nesse sentido, ao se defender uma hipótese já sustentada por Alabarces (2007), de que o futebol tornou-se ao longo do tempo uma arena privilegiada que dramatiza as principais tensões presentes na sociedade argentina, quer-se também concebê-lo como um sistema cultural que dialoga com seu tempo, e que, portanto, reatualiza incessantemente o processo de construção de identidades sociais, renovando discursos e sentidos que, muito embora representem ainda o mesmo mito, o fazem agora de forma diferente, dependendo do tempo, local e posição social do sujeito que representa. Dito isso, essa pesquisa discorrerá acerca do conteúdo de afirmação identitária baseada no pertencimento, por vezes interseccional, a um tipo de nação, classe social e/ou ao bairro presente nas representações contemporâneas de Maradona, destacando algumas discontinuidades e permanências nas significações historicamente atribuídas ao maior ídolo da história do futebol argentino, que, no limite, acabam por revelar algumas mudanças sintomáticas no conjunto da vida e do imaginário popular da sociedade argentina do século XXI.

# 1º CAPÍTULO

## FUTEBOL: METÁFORA DA VIDA

O futebol que hoje conhecemos tornou-se indiscutivelmente um fenômeno cultural universal. Sua prática se estende atualmente por todo o planeta, bem como reúne uma série de instituições de ordem política, jurídica, econômica e social plenamente envolvidas no desenvolvimento e normatização do esporte mais popular do mundo. Cada uma exercendo uma força particular, já que o universo do poder no futebol é altamente hierarquizado, em conformidade com a ordem socioeconômica mundial do neoliberalismo hegemônico. Estão incluídas neste amplo espectro do poder instituições dominantes como a FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) e grandes marcas empresariais de diversos setores que patrocinam campeonatos internacionais e clubes renomados, até clubes amadores e federações locais.

A despeito da consolidação do futebol espetáculo a partir da década de 1980, que segundo Franco (2007), se vê imiscuído num conjunto de interesses comerciais e gerador de uma enorme concentração de renda e alto nível futebolístico em benefício dos clubes e das federações mais poderosas do futebol mundial, esse esporte produziu e reforçou importantes marcas socioculturais latentes no interior de cada coletividade nacional que o acolheu em seu processo de expansão global durante o século XX.

Dito isso, este primeiro capítulo visa destrinchar historicamente a origem de alguns conceitos e valores elementares atrelados à estrutura das regras e dos esquemas táticos que regeram historicamente a prática futebol moderno, e, portanto, suas alterações ao longo do tempo, além de examinar igualmente certos desdobramentos socioculturais provocados pela expansão social dessa prática esportiva e por sua penetração em outras nações, mais especificamente, na Argentina do século XX.

Para tanto, serão problematizados brevemente alguns contextos históricos paralelos ao surgimento e desenvolvimento do futebol no Ocidente, mais especialmente durante sua fase de gestação na Inglaterra em meados do século XIX - envolvida profundamente no processo de avanço do Imperialismo das nações centrais do capitalismo ao redor do mundo – bem como durante o processo de sua incorporação definitiva pela sociedade argentina do século XX, atravessada por um quadro de modernização no qual a urbanização acelerada e a enorme onda de imigração europeia promoveram grandes transformações étnicas, culturais e sociais no país, sobretudo na região metropolitana de Buenos Aires, onde estes fenômenos – urbanização, imigração, e futebol – foram mais intensos. Este último eixo será discutido muito sucintamente a fim de servir à contextualização histórica da penetração desse esporte em solo argentino, limitando sua cronologia, portanto, da segunda metade do século XIX às décadas de 1920 e 1930, marcos da fundação de um “*estilo criollo*” de se jogar futebol. Uma investigação mais detalhada acerca desse período bem como da continuidade das relações entre futebol e história geral na sociedade argentina do século XX se observará, como já dito na introdução, no desenvolvimento do segundo capítulo.

## 1.1 O futebol moderno: invenção inglesa e capitalista

Não parece casual que, o ano de criação da primeira codificação de regras do futebol moderno corresponda ao ano que inaugura a investigação histórica de Eric J. Hobsbawm (2012) em sua obra “**A Era do Capital**”: 1848.

Embora o epicentro deste capítulo se concentre em elucidar as possibilidades de apropriação desse esporte por outros povos e nações além da sociedade inglesa da segunda metade do século XIX, não é possível, contudo, ignorar o contexto histórico de gestação desse fenômeno, na medida em que ilumina nossa perspectiva acerca da incorporação de conceitos, representações e práticas - por vezes contraditórias, ambíguas e polissêmicas - nesse processo de regulamentação inicial do futebol, numa fase em que “o novo esporte ecoou muito de perto as vicissitudes internas da Grã-Bretanha.” (FRANCO, 2007, p. 23).

Dito isso, parece plausível afirmar que o futebol é e foi um fenômeno tão contraditório e complexo quanto à formação da sociedade inglesa na qual foi concebido. Embora hoje no século XXI sejam abundantes os exemplos de sociedades profundamente complexas e contraditórias - talvez até mais do que a Inglaterra da era vitoriana -, são as contradições históricas e ideologias surgidas naquela sociedade que moldaram alguns fundamentos básicos e estruturantes da prática do futebol que, em que pese as modificações nas regras que o regem ao longo do tempo, atravessaram o século e o Oceano Atlântico e estabeleceram-se no imaginário futebolístico de outras nações, mediados por um processo de apropriação e ressignificação compatível com o repertório sociocultural de cada sociedade.

Seguindo a cronologia estabelecida nas obras de Eric J. Hobsbawm (2012) e (1988) – “**A Era do Capital**” e a “**Era dos Impérios**” - para destacar os processos históricos que determinaram o desenvolvimento da sociedade inglesa da segunda metade do século XIX, depreende-se, de forma evidentemente sintética, que a História da Inglaterra deste século confunde-se quase que exclusivamente com a inauguração do processo conhecido como Segunda Revolução Industrial e seus respectivos desdobramentos políticos, econômicos e socioculturais. Com efeito, a Segunda Revolução Industrial iniciada nas décadas de 1840 e 1850 representa, de acordo com Hobsbawm (2012), o avanço da hegemonia do sistema econômico capitalista em escala mundial, mediante o processo de expansão da atividade industrial na própria Inglaterra bem como em países da Europa continental e nos EUA, acompanhado de inovações técnicas no processo produtivo e de uma modernização nos sistemas de transporte e comunicações que garantiram maior produtividade econômica, além do aumento da penetração de capitais europeus e norte-americanos nas regiões periféricas da economia mundial – Ásia, Oceania, África e América Latina. Em suma, pode-se afirmar que esse desenvolvimento econômico e tecnológico do sistema invocara a concepção de progresso tão aclamada pela nova ordem social dominante: a burguesia. Essa ideologia do progresso esteve intimamente relacionada com o conceito positivo de um Estado-nação, àquele período,

[...] definido territorialmente, com uma constituição garantindo a propriedade e os direitos civis, assembleias representativas e governos eleitos responsáveis por elas e, onde possível, uma participação do povo comum na política dentro de limites tais que garantissem a ordem social burguesa e evitassem o risco de ser derrubada. (HOBSBAWM, 2012, p. 17).



Portanto, a ideia de progresso englobava não somente a primazia de uma economia liberal baseada na propriedade privada e no livre comércio, mas também o triunfo da ciência, da razão, da evolução tecnológica, do desenvolvimento material e da disciplina moral das sociedades, além do fortalecimento de instituições mais democráticas no aparelho do Estado que transformariam os atuais sistemas políticos em modelos de democracia liberal inspirados na Revolução Francesa de 1789. Entretanto, esse mesmo progresso era acima de tudo uma representação ideológica dos interesses das burguesias europeias, e por isso esbarrava nas ambições próprias das classes populares, cujas duras condições de vida e de trabalho ilustravam os limites do progresso representado pela economia da livre iniciativa privada e do livre comércio. Nesse sentido, a eclosão da primavera dos povos em 1848 e, sobretudo seu desfecho, sinalizava um movimento de sacrifício ou recuo do poder político da burguesia europeia, que recorrera a uma aliança com os setores aristocráticos politicamente hegemônicos, a fim de assegurar o desenvolvimento do sistema capitalista diante da ameaça de ambições mais radicais provenientes de alguns setores da classe média, proletariado (incipiente) e campesinato. Os dirigentes ingleses não precisaram observar, ao contrário daqueles radicados em outros Estados europeus, a explosão de movimentos sedentos por revolução social em território britânico para perceber que, o avanço da economia capitalista tolerava uma democratização mais lenta das instituições políticas.

Apesar dessa cautela no tocante a democratização das instituições, derivada da insegurança que as elites “progressistas” nutriam em relação às massas, “podemos pensar no estabelecimento de regras futebolísticas como manifestação particular na Inglaterra do então intenso desenvolvimento das instituições, que nada mais são do que as regras do jogo social.” (FRANCO, 2007, p. 25). O progresso exigia normatização e padronização, pois o sistema econômico era baseado na competição e na supremacia do mais hábil – uma questão de mérito e não de privilégio jurídico -, assim como o futebol. Não à toa uma nova codificação do esporte surge quinze anos depois, em 1863, atendendo algumas demandas excluídas em 1848.

Nas três primeiras décadas de prática deste esporte desde a publicação do seu primeiro conjunto de regras, o futebol repercutira uma contradição básica da sociedade inglesa do século XIX, visto que, se para Franco (2007), corretamente, sua prática era regida por normas e táticas que ecoavam no campo de jogo preceitos elementares do sistema capitalista e da ideologia liberal: exercício do individualismo; especialização de funções; quantificação de resultados; competição; produtividade e secularização, o domínio sobre a prática desse esporte permaneceu, durante algumas décadas, exclusivo aos estudantes dos colégios privados das elites britânicas. Apegadas à concepção de futebol como um lazer educativo, essas elites combatiam o profissionalismo e a expansão demográfica desse esporte, provavelmente porque, replicando a análise de Da Matta (1982) - sobre a relação das elites brasileiras com o futebol recentemente importado pelo Brasil no final do século XIX -, ao caso inglês, presume-se que:

“[...] as elites não estão acostumadas a jogar. Ao contrário, elas odeiam o jogo. Por que? Porque certamente o jogo significa basicamente ter de se submeter as regras que valem para todos. Realmente, o ponto crítico e o traço distintivo do jogo é a noção fundamental de regras para todos e uma aceitação da ideia de justiça (que legitima o perdedor e o ganhador)...” (DAMATTA, 1982, p. 16).

Nesse sentido, a prática do futebol – assim como a do rúgby, por exemplo - entre as elites inglesas era inicialmente concebida como uma atividade recreativa que não só exercitava o corpo mediante movimentos atléticos, mas consequentemente a moral de seus praticantes, ou seja, de suas elites. E exercitava a moral porque a Inglaterra desse período empenhava-se em manter sua hegemonia econômica e política sobre a balança de poder internacional, de modo que:

“Dentre as condições imprescindíveis para que seu pequeno país (cerca de 10 milhões de habitantes num total de 750 milhões, 130 mil quilômetros quadrados num total de quase 149 milhões) pudesse ser a maior potência mundial, estava a construção do caráter de suas elites. O caminho para tanto foi, entre 1820 e 1900, o chamado ‘cristianismo atlético’. Ou seja, a concepção pedagógica que pretendia desenvolver a fibra moral da elite britânica destinada a governar regiões longínquas e inóspitas, plenas de súditos hostis e pouco civilizados.” (FRANCO, 2007, p.26).

Com efeito, a era de internacionalização da economia capitalista 1848-1875, como bem atesta Hobsbawm (2012), não só observou o crescimento de novas potências industriais – França, Bélgica, Alemanha, EUA, Japão, Itália, Império Austro-Húngaro – em vias de integração completa a uma rede de comércio mundial, mas também precipitou a rivalidade entre essas principais potências na disputa pelo protagonismo comercial – agora em escala global. A Inglaterra, que ainda liderava essa competição, bem sabia a importância de se explorar novos mercados para alimentar sua produtividade industrial. Para tanto, não media esforços e sacrifícios para assim fazê-lo, inclusive lançando mão da tão conhecida “diplomacia da canhoneira”. Assim se explicam as Guerras do Ópio contra a China, promovidas nas décadas de 1840 e 1850 - culminando definitivamente na integração compulsória da economia chinesa ao comércio internacional (nesse caso, mais especificamente ao comércio britânico) – bem como a aplicação daquelas operações de interdição do tráfico de escravos feito por embarcações que cruzavam o atlântico rumo à costa brasileira, previstas pela assinatura do tratado conhecido como *Bill Aberdeen* em 1850, que muito embora contasse com o consentimento das autoridades políticas do Brasil, – Imperador e seus ministros – denotava mais uma vez a mobilização da marinha mais poderosa do mundo para a defesa dos interesses comerciais ingleses na costa atlântica da América do sul.

Contudo, como foi sublinhado anteriormente, se por um lado o imperialismo britânico mobilizava tropas e esquadras até as periferias de outros continentes para garantir a proteção dos interesses de sua burguesia industrial e comercial, por outro lado, movimentava-se internamente dentro da própria Europa a fim de conter grandes aspirações de nações rivais cujas implicações pudessem ameaçar a hegemonia política e militar da Inglaterra no continente, bem como seu controle e acesso estratégico sobre vias comerciais, como bem demonstrou a participação inglesa na Guerra da Crimeia em 1853, quando acabou suprimindo, com a ajuda da França e do Império Otomano, o expansionismo russo.

Evidentemente, essa dominação mundial que o capitalismo inglês exercia sobre as economias de tantos povos e regiões da periferia do planeta, apoiava-se substancialmente na inelutabilidade da ideologia do progresso, à medida que,

“Explorar significava não apenas conhecer, mas desenvolver, trazer o desconhecido e, por definição, os bárbaros e atrasados para a luz da

civilização e do progresso; vestir a imoralidade da nudez selvagem com camisas e calças, com uma providencial e beneficente manufatura de Bolton e Roubaix, levar as mercadorias de Birmingham que inevitavelmente arrastavam a civilização para onde quer que fossem.” (HOBSBAWM, 2012, p. 66).

Dito isso, parece perfeitamente possível afirmar que a conclamação do progresso por toda sorte de políticos, economistas, administradores e empresários britânicos – e de algumas outras nacionalidades - implicava quase que automaticamente na exortação de argumentos sensivelmente racistas, a fim de justificar violações contra a soberania de povos alheios aos conceitos de civilização e progresso. E como estes conceitos definiam-se em termos daquilo que era a tecnologia e a economia *européia*, “essa convicção e essa missão significavam que, no fundo, os outros eram julgados como representantes de uma cultura inferior, e cabia aos ingleses, ‘vanguarda’ da raça branca, educá-los, formá-los – embora sempre se mantendo à distância.” (FERRO, 1996, p. 39).

Diante desse contexto, depreende-se que o futebol tal como era praticado e concebido por alunos das escolas privadas da Inglaterra e pelos dirigentes políticos deste país, especificamente neste período compreendido entre o final da década de 1840 até meados da década de 1870, pressupunha a existência de uma atividade física recreativa que fora projetada pensando na formação moral das futuras elites que governariam a nação. A tal da “pedagogia elitista inglesa<sup>1</sup>”. Para Mosse (apud ARCHETTI, 2016, p. 24), que se aprofundou no estudo da construção da masculinidade europeia moderna, o desenvolvimento do futebol moderno e do esporte coletivo na Inglaterra instituiu uma espécie de educação moldada na virilidade, que por sua vez escorava-se num padrão atlético de beleza física e na moralidade – das classes médias e altas masculinas. Esse processo é bastante ilustrativo quando Franco (2007) descreve o perfil de grandes defensores desta corrente de pensamento, cujas experiências “diplomáticas” incluíam desde expedições ao interior do continente africano, administração do Sudão até a participação na Guerra da Crimeia.

Portanto, pode-se afirmar que a prática do futebol introduzida nas escolas das elites britânicas deste período fora permeada, eventualmente, por uma boa dose de darwinismo social, na medida em que visava desenvolver, sob a delimitação de regras universais, um fortalecimento do vigor físico e mental, bem como o domínio da técnica, disciplina corporal e uma mobilização de esforço individual conjugados num contexto sociopolítico que imprimia na execução coordenada desses comportamentos um sentido profundo de *sobrevivência dos mais fortes*<sup>2</sup>. Mais importante ainda, pois de certa maneira reforçava a ideologia de

<sup>1</sup> Ver em FRANCO (2007): A Dança dos Deuses: história, cultura e sociedade; p. 26.

<sup>2</sup> O conceito de “sobrevivência dos mais fortes”, inspirado na teoria biológica de Charles Darwin (1809-1882) parece exprimir melhor essa combinação de valores burgueses e aristocráticos do que a ideia de “supremacia do mais hábil” através de uma pequena reflexão de ordem semântica. A diferença, ainda que sutil, consiste na dramaticidade dos termos empregados. Enquanto a segunda expressão parece utilizar termos mais específicos e moderados, como supremacia e habilidade, bem de acordo com a precisão técnica do espírito burguês, a primeira apela para termos mais genéricos e avassaladores. O antônimo de “supremacia” pode oscilar entre desvantagem ou inferioridade, mas o de “sobrevivência” com certeza é morte (ainda que simbólica), enquanto que classificar alguém como hábil ou inábil pressupõe aparentemente a atribuição de um adjetivo mais circunstancial e conciso, ao passo que a categorização de um sujeito como forte ou fraco parece ser muito mais ampla e implacável. Ora, o próprio fato de uma frase ser composta no singular e a outra no plural, expressa a diferença entre um conceito individualizado e outro ainda mais sintonizado com a referência da “luta das espécies” ou “raças”. Num ambiente de livre concorrência inaugurado pelo triunfo do capitalismo mundial, a primeira expressão aparenta ser, sem

darwinismo social impregnada no futebol, esta proeminência inicial de uma concepção individualista do esporte não excluía a capacidade que o futebol tinha de funcionar efetivamente como um mecanismo de fortalecimento dos vínculos sociais entre aqueles que o praticavam – elites - visto que, seu nível de competitividade não excedia o limite do estatuto de recreação ou de treinamento (amadorismo) impostos a essa atividade por essas elites, onde todos os jogadores moldavam sua percepção sobre a prática, como indivíduos membros de equipes, pelos mesmos princípios de virtude da força, lealdade ao adversário e cavalheirismo – valores tipicamente aristocráticos – além da obediência estrita às regras bem como o próprio foco na produção individual de bons resultados – valores compatíveis com a ideologia do liberalismo burguês – que certamente contribuíam para canalizar o foco da indignação perante um mau resultado para si mesmo, e não para o outro, redundando no consagrado conceito inglês de *Fair Play*<sup>3</sup>.

Essa conexão entre os valores e comportamentos estimulados pela prática esportiva – especialmente o futebol, na Inglaterra – e o avanço avassalador das economias desenvolvidas sobre as novas áreas integradas pela expansão do mercado mundial na reta final do período aqui analisado, é muito bem expressa, indiretamente, quando a exploração do mundo, com mínimas exceções, “já não consistia em ‘descoberta’, mas numa forma de esforço atlético, muitas vezes mesclado a importantes elementos de competição pessoal ou nacional.” (HOBSBAWM, 1988, p.19).

De fato, foi esse equilíbrio precário de valores aristocráticos e burgueses que sustentou a vigência do amadorismo no futebol moderno durante três décadas na Inglaterra, resistindo até onde foi possível à profissionalização deste esporte. Um fenômeno contraditório que mesclava conceitos de um estrato social com os valores de outro de acordo com a conveniência histórica, e que, portanto, projetava definitivamente um drama político da sociedade que o concebeu. Se a supremacia do mais hábil, a iniciativa individual e o progresso técnico eram – além de “essenciais para a civilização de povos bárbaros” -, sem dúvida nenhuma, conceitos liberais proclamados indiscriminadamente tanto pelo Império Britânico em expansão quanto pela primeira geração de entusiastas e praticantes de futebol moderno na Inglaterra, por outro lado, a democratização das regras do jogo do poder, outro princípio liberal, não poderia se confirmar num Império que possuía colônias formais e informais e que até 1867 limitava significativamente mesmo o direito ao voto entre sua população masculina – a feminina seguiu excluía da participação eleitoral por pelo menos mais meio século - e à representação parlamentar em sua política doméstica, bem como num esporte que excluía qualquer um que não pertencesse à classe dominante inglesa, fossem pobres, estrangeiros ou mulheres.

---

dúvida, mais agressiva aos olhos dos perdedores, e num certo sentido, não tão “liberal”, tal como a própria política imperial inglesa nas Guerras do Ópio contra a China e na manutenção da colonização da Índia.

<sup>3</sup> O conceito de *Fair Play* foi amplamente difundido no vocabulário do futebol, e sua tradução literal, “jogo justo”, envolve mais que apenas o cumprimento e o respeito ao regulamento, à medida que também inclui o respeito a um conjunto de práticas não obrigatórias que visam zelar pelo bem-estar e integridade dos adversários. Por exemplo, quando o futebolista de uma equipe se machuca e essa remove a bola para fora do campo de jogo, a fim de interromper a partida para o atendimento médico deste jogador, a posse da bola se transferirá à equipe adversária no momento do reinício da partida. No entanto, esta se encarrega de devolver a bola respeitando a natureza da interrupção momentânea da contenda. Portanto, o *Fair Play* além de uma recomendação jurídica é um mandamento ético, articulando a disciplina burguesa ao cavalheirismo aristocrático.

Portanto, também não parece coincidência constatar que a teoria do progresso liberal baseada no cosmopolitismo político-econômico e tecnológico acentuava, na prática, a rivalidade entre as potências capitalistas, enquanto que a estruturação do futebol em esporte coletivo não deixava de destacar a participação individual dos seus praticantes. Pelo contrário, priorizava-a, aparentemente. Pelo menos nessas três primeiras décadas do seu desenvolvimento inicial, cujos exemplos de algumas partidas investigadas por Franco (2007) apontavam para a predominância de esquemas táticos que chegavam a contar com dez atacantes e apenas um defensor, numa sinalização que explicitava razoavelmente a falta de equilíbrio e compromisso coletivo entre os diferentes setores do campo – defesa e ataque. Pois aquilo que parecia efetivamente importar eram o desempenho, mérito e o sucesso individual.

Em suma, progresso técnico, iniciativa individual, exaltação à força física e mental, disciplina corporal, supremacia do mais hábil, obediência estrita ao regulamento e lealdade aos adversários (de mesma posição de classe) parecem ter sido os princípios predominantes na prática do futebol moderno durante suas primeiras três décadas de história. De fato, alguns destes princípios seriam a partir do final da década de 1870 reatualizados em novos paradigmas éticos dentro do universo do futebol, de modo que o conceito de “sobrevivência dos mais fortes” – o *Fair Play* ainda permanece importante, pelo menos no futebol inglês - estava com seus dias de hegemonia contados, tanto na Inglaterra como em outras nações, em sintonia com a presença de novos fenômenos sociais.

## **1.2 Do futebol amador ao futebol profissional: popularização e repercussões sociais do fenômeno no Ocidente**

Antes de mais nada, é necessário dizer que, nesta parte do capítulo, a análise histórica sobre o avanço mundial do futebol percorrerá o recorte cronológico estabelecido para o estudo do tema de uma forma mais fluída e acelerada que a convencional, de sorte que seja possível reunir num mesmo bloco temporal – simplificado, por isso mesmo historicamente mais heterogêneo que homogêneo – a incidência dos fenômenos futebolísticos mais sintomáticos deste processo de ressignificação sociocultural e política que marcou o futebol em sua expansão massiva pelo globo partir das duas últimas décadas do século XIX e ao longo do século XX. Para tanto, o recorte temporal que baliza essa investigação se estende dos anos finais da década de 1870 até o final da Segunda Guerra Mundial – 1945, aproximadamente.

Como é possível observar, o triunfo iminente da sociedade burguesa liberal condenaria para sempre o amadorismo no futebol a uma posição marginal, primeiramente na Europa, e depois na América. A partir da década de 1870, o planeta parecia cada vez mais dominado e satisfeito com as realizações do progresso, de modo que agora não só os interesses econômicos e as ideias da burguesia avançavam numa escala sem precedentes, mas também suas instituições políticas, estabelecidas paulatinamente mediante um processo de democratização que dispensou o engajamento radical das massas, elas próprias beneficiadas em certa medida – não tanto quanto a burguesia e a classe média – por essa expansão da economia capitalista. Por outro lado, e talvez mais importante, ao passo em que a influência política e cultural das aristocracias europeias evaporavam, as contradições básicas do sistema capitalista avançavam – entre elas, a luta de classes.

O final do século XIX e o começo do século XX representaram, principalmente na Europa, a ascensão e o fortalecimento de movimentos e ideologias coletivistas: o desenvolvimento e a radicalização do sindicalismo operário; a fundação de partidos políticos de massa e de organizações políticas internacionais, sobretudo entre comunistas e socialistas; a ascensão do movimento feminista, em especial na Inglaterra, além da intensificação de uma nova ideologia de nacionalismo entre as principais potências da Europa, que culminaria inevitavelmente na Primeira Guerra Mundial – 1914. Nesse sentido, num período em que atividades e movimentos de massa historicamente reprimidos não só passavam a ser tolerados - como também ampliados e de certa maneira estimulados -, ao mesmo tempo em que ocorria a integração da população despossuída no sistema político da democracia representativa através do voto estendido, bem como a expansão da educação pública e obrigatória para os filhos dos pobres, o futebol dificilmente se encontraria excluído dessa tendência.

Com efeito, além deste processo histórico que marcou a conquista de acesso por parte das massas a espaços de poder e organizações políticas já no final do século XIX, a inserção da classe trabalhadora e dos pobres em geral no futebol foi condicionada igualmente por outro fator: o interesse de grandes empresários em investir em clubes de futebol, a fim de explorar um novo mercado esportivo potencialmente lucrativo e de expandir o prestígio de suas marcas à medida que o esporte se popularizava, o que definitivamente culminou na transformação do futebol em uma atividade que flertava cada vez mais de perto com o profissionalismo, até sua efetiva profissionalização. Afinal, o futebol parecia haver sido feito sob medida para o operário, potencialmente seduzido pela intensidade do contato físico e pela manipulação de gestos técnicos relativamente simples, mas que requeriam força e habilidade, ao mesmo tempo em que as regras desse esporte inibiam colisões mais violentas, diminuindo consequentemente o percentual de contusões que afastariam o operário do trabalho fabril – o que era muito mais difícil de evitar no rúgbi. Essa diferença entre o futebol e o rúgbi é interpretada de forma interessante por um contemporâneo àquele contexto: “O rúgby é um jogo para bárbaros jogado por cavalheiros. Futebol é um jogo para cavalheiros jogado por bárbaros.” (WILDE, apud FRANCO, 2007, p. 33).

Essa tendência descrita acima era em parte resultado de um processo cada vez mais contínuo e acentuado de diversificação das atividades econômicas, desencadeado, sobretudo, pelas grandes potências da Europa Ocidental e nos EUA, por meio do notável crescimento do setor terciário, da indústria do entretenimento e do mercado de consumo de massas<sup>4</sup>. Nesse sentido, surgiram a partir da década de 1870 vários clubes ingleses ligados a empresas siderúrgicas, ferroviárias e armamentistas, bem como comerciantes e empresários dispostos a financiar equipes e negociar a transferência de jogadores de outros clubes mediante oferta de empregos, e a partir de 1885, quando a *Football Association* aceitara o profissionalismo no futebol inglês, mediante contratos profissionais. Por outro lado, conforme aponta Franco (2007), o futebol fora introduzido obrigatoriamente nas escolas da rede pública do ensino primário na Inglaterra a partir de 1870. Com efeito, parece óbvio afirmar que a partir de 1880, a prática desse esporte havia inapelavelmente pulverizado as primitivas fronteiras que restringiam essa atividade ao ambiente das escolas privadas das elites britânicas.

Nesse sentido, o fim do amadorismo na Grã-Bretanha, que significava também o fim do monopólio da prática do futebol por suas elites, representava simultaneamente o surgimento

---

<sup>4</sup> Ver em HOBBSAWM (1988): A era dos impérios; capítulo 2 – Uma economia mudando de marcha.

de novos princípios atrelados à prática desse esporte. Sendo assim, tendências históricas e políticas que já estavam em curso desde os anos finais da década de 1860, incrustaram no futebol das duas últimas décadas do século a supremacia de quatro princípios correlatos ao novo panorama histórico das sociedades europeias: justiça, tecnicismo, competitividade e solidariedade.

Neste novo cenário, o aprofundamento da competição econômica gerado pelo novo imperialismo – inaugurado definitivamente com a partilha da África em 1885 - e pela formação das grandes corporações e cartéis empresariais somava-se à democratização da política já mencionada, que implicava indiretamente na democratização dos direitos, e, portanto, do conceito de justiça, influenciando diretamente na criação de novas regras e esquemas táticos. De acordo com Franco (2007), as novas regras estabelecidas nas décadas de 1880 e 1890 foram paulatinamente fortalecendo o conceito de justiça que ia se impregnando no futebol, sob o marco da fundação da *International Football Association Board*, em 1886, quando a criação de novas normas em posição de destaque começava a surgir: participação obrigatória do árbitro dentro do campo; criação de cargos para dois árbitros auxiliares, chamados no Brasil de bandeirinhas, responsáveis por fiscalizar e assinalar a posição de impedimento<sup>5</sup> na qual algum atacante eventualmente ocuparia; a invenção da cobrança da penalidade máxima<sup>6</sup> contra a equipe que cometesse uma falta considerada desleal; a autorização concedida ao árbitro principal para punir faltas e pênaltis, e inclusive expulsar jogadores, além da autorização para que o tempo de duração das partidas, regulamentado em 90 minutos, pudesse ser estendido em determinadas ocasiões caso as circunstâncias assim justificassem.

Por outro lado, a organização coletiva baseada na solidariedade de classe de operários, que à época tornavam-se cada vez mais sindicalizados e predominantes nos partidos políticos e em equipes de futebol, bem como o tecnicismo desenvolvido, conforme assinala Hobsbawm (1988), pela administração científica onipresente na direção de grandes empresas, instituições financeiras e dos exércitos nacionais, revelavam-se nitidamente no plano dos esquemas táticos. O antigo sistema de um defensor e nove atacantes foi substituído inicialmente na Inglaterra pelo sistema piramidal, cuja distribuição tática, embora ainda hierarquizasse a importância dos setores em campo, era mais equilibrada e harmoniosa, composta por dois defensores, três meio-campistas e cinco atacantes, esses últimos criteriosamente dispersados em posições estratégicas do setor ofensivo, ao contrário da certa desorganização ofensiva do primeiro modelo tático. Este modelo predominou no futebol europeu entre a década de 1880 e meados da década de 1920, quando foi substituído pela formulação de sistemas ainda mais compactos e solidários:

“O chamado MW (ou 2-3-3-2) do austríaco Hugo Meisl levou a seleção nacional daquele país a ser conhecida, graças a seus resultados entre 1931 e 1933, por *Wunderteam*, ‘time maravilhoso’. A retranca suíça (ou 1-1-3-

---

<sup>5</sup> A regra do *offside*, ou, impedimento, passou por inúmeras modificações ao longo do tempo, na tentativa de equilibrar o conceito de jogo justo (*Fair Play*) com o de produtividade, caracterizado pela marcação de gols. Como bem atesta FRANCO (2007), em 1880 estabeleceu-se que não haveria impedimento da bola vinda do tiro de meta; em 1881, a bola lançada diretamente do escanteio também passava a ser validada legalmente; já em 1925, um atleta só estaria em posição de impedimento caso não houvesse dois jogadores do time adversário entre ele e a linha do gol. Anteriormente eram necessários pelo menos três.

<sup>6</sup> A penalidade máxima consiste na cobrança de um tiro livre direto por um jogador numa distância muito próxima à meta adversária.

2-3) que o também austríaco Karl Rappan implantou no Servette de Genebra teria grande influência devido à criação do líbero. O WM (ou 3-2-2-3) escocês, sistematizado por Herbert Chapman no Arsenal revelou-se vencedor – a equipe londrina levantou entre 1931 e 1938 (mesmo sem Chapman, falecido em 1934) cinco campeonatos e duas Copas da Inglaterra [...].” (FRANCO, 2007, p. 47).

Ademais, a competitividade cada vez mais acirrada no futebol era estimulada não só por disputas nas transferências e contratações dos melhores jogadores que estivessem disponíveis, mas principalmente pela inauguração de competições nacionais de clubes, e até mesmo, por partidas e campeonatos internacionais, sobretudo entre seleções europeias. Em nível nacional, a Copa da Inglaterra fora criada em 1871, e uma década mais tarde, o número de clubes que participavam dessa competição havia crescido absurdamente, chegando a uma centena, quando na primeira edição, não passavam de quinze<sup>7</sup>. Do outro lado do Canal da Mancha, a Copa da França era fundada em 1917. Ademais, a década de 1890 conheceu uma proliferação notável de amistosos internacionais entre clubes europeus, em grande parte promovida pela excursão de clubes ingleses pelo continente, ostentando a hegemonia que ainda possuíam na condição de pioneiros do novo esporte. Nesse sentido, a FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) é criada em 1904 justamente com a finalidade de administrar e regularizar competições e partidas internacionais.

Como foi indicado anteriormente, essa nova identidade do futebol tinha agora dimensão continental, desencadeada por uma expansão considerável de centros afeiçoados e redifusores do novo esporte: Ilhas Britânicas, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Áustria-Hungria, Suíça, Itália, Espanha e Portugal<sup>8</sup>, com a ressalva de que as novas mudanças nas regras e nos novos esquemas táticos das equipes eram desenvolvidas e aplicadas muito mais imediatamente na Grã-Bretanha – principalmente Inglaterra e Escócia - que nos outros países da Europa germânica e latina, primeiros importadores maciços deste esporte – o futebol ainda se desenvolvia muito timidamente na Europa Oriental e na América Latina. Vale salientar também que mesmo nessas nações europeias – com exceção da Grã-Bretanha – a profissionalização oficial do futebol aconteceria somente nas décadas de 1920 e 1930.

De acordo com Franco (2007), a importação do futebol por outros países ocorria, via de regra, mediante o contato com marinheiros e trabalhadores das estradas de ferro provenientes da Inglaterra, - num contexto em que este país ainda era o maior exportador mundial de bens, serviços e capital – ou então pelo intercâmbio de jovens estudantes de diversos países que se dirigiam às instituições renomadas do ensino superior britânico e retornavam posteriormente aos seus países arrastando consigo equipamentos e o manual das regras referentes ao futebol – como é o caso em 1894 do paulista Charles Miller, um dos precursores do novo esporte no Brasil. Nesse sentido, a fundação das primeiras equipes de futebol fora da Grã-Bretanha era geralmente restrita à participação de membros anglófonos e/ou anglófilos, excluindo inicialmente a integração de nativos. Tal fenômeno revelou-se muito efêmero dentro da Europa, onde o cosmopolitismo da modernidade tratava de reduzir diferenças culturais entre as sociedades europeias, mas adquiriu maior longevidade na América Latina, cujas elites,

<sup>7</sup> Ver em FRANCO (2007): *A Dança dos Deuses: história, cultura e sociedade*; p.34.

<sup>8</sup> As principais cidades europeias do mapa do futebol da virada do século – XIX para o XX – eram: Londres, Manchester, Liverpool e Glasgow; Paris e Marselha; Bruxelas; Amsterdã; Berlim e Munique; Viena; Zurique; Milão, Roma e Turim; Madri e Barcelona; Lisboa e Porto.



apaixonadamente anglófilas – quando não anglófonas – estavam menos dispostas em compartilhar uma invenção da modernidade europeia com uma massa que julgavam inferior.

Contudo, a penetração do futebol mesmo nas “atrasadas” América Latina e Europa Oriental, era promissora e inevitável. Seu desenvolvimento inicial no leste europeu – mais intenso somente a partir do século XX - foi vagamente registrado, todavia, não parece absurdo afirmar que, de acordo com as investigações de Dougan (2004), seguiu um curso de difusão mais ou menos estabelecido por aquelas redes de transporte marítimo, fluvial e ferroviário onde se concentravam e movimentavam enormes fluxos de serviços e pessoas: Moscou e Kiev, centros onde mais tarde floresceriam as principais equipes do futebol soviético. Na América Latina sua rede de difusão seguia um traçado muito semelhante, expandindo-se notavelmente entre as regiões cujos fluxos de circulação humana e imigração eram mais acentuados: Buenos Aires, Rosário, Montevideu, Lima, São Paulo e Rio de Janeiro. De fato, se até meados da última década do século XIX os clubes de futebol sul-americanos pertenciam majoritariamente àquelas elites indispostas a aceitar a presença da população simples e local, como dito anteriormente, a virada do século principiou a proliferação de clubes genuinamente populares e nacionais<sup>9</sup> – ou seja, não mais controlados apenas por imigrantes europeus, sobretudo ingleses. Esse é o caso mais especificamente na Argentina e no Uruguai.

No Brasil, essa tendência avançava um pouco mais lentamente, e, além disso, encontrava outro obstáculo: a cor da pele. A exclusão de jogadores negros e pobres em diversos clubes brasileiros ainda era frequente na primeira década do século XX, reflexo imediato de uma sociedade que até 1888 mantinha legal a escravidão de pessoas negras. É nesse sentido que Da Matta (1982) destacava a elaboração de um estilo de jogo popular e nacional no Brasil, - muito distinto do padrão inglês - marcado pelo “uso desinibido do corpo” e por um conjunto de movimentos improvisados, durante um período de democratização mais tímida do esporte no país no começo do século XX, e que correspondia de certa maneira àquelas estratégias furtivas e flexíveis empregadas por uma massa de marginalizados e excluídos socialmente, no contexto da luta diária pela sobrevivência: a famosa “arte da malandragem”. Por outro lado, ainda segundo Da Matta (1982), o futebol brasileiro convertia-se sob certo aspecto num sistema politicamente inverso ao da própria sociedade nacional, na medida em que oferecia com mais eficácia a cidadania e a ascensão social simbólica (prestígio popular) e material (arranjos e benefícios econômicos) negada pelo sistema político e econômico da república oligárquica (1889-1930). Dito isso, o futebol neste período consubstanciaria, segundo o sociólogo, o antigo paradoxo brasileiro da cidadania e do republicanismo vulgar, baseado na existência de uma enorme massa de indivíduos empobrecidos e marginalizados, cuja ascensão estaria condicionada à talentos, contatos e heroísmos individuais capazes de “driblar” os obstáculos de uma perversa estratificação social somada ao desamparo do Estado; ou então, pelo contrário, seria completamente vedada pela imposição de uma correlação de forças coletivas tão “invisíveis”<sup>10</sup> e ausentes da realidade popular que confundir-se-iam com a ideia de destino: nesse caso, a tendência (sobre)natural e inevitável ao fracasso.

---

<sup>9</sup> Club Atlético Boca Juniors - ARG (1905); Club Atlético Huracán - ARG (1908); Sport Club Corinthians Paulista - BR (1910); Sport Club Internacional - BR (1909); Central Uruguay Railway Cricket Club - URU (1891), cujo nome havia sido rebatizado em 1913 para Club Atlético Peñarol; etc.

<sup>10</sup> Ver em DAMATTA (1982): Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira; capítulo 1 - Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. Dentro da categoria de “forças invisíveis” que regem o

Este processo de reconfiguração identitária do futebol, iniciado com sua democratização e expansão demográfica, adquire um novo elemento além daqueles já mencionados – justiça, tecnicismo, competitividade, solidariedade, cidadania e fatalismo - com a chegada do século XX, tão revolucionário que alguns resquícios de sua presença ainda podem ser sentidos aqui e acolá em pleno século XXI: a aproximação do futebol com a política de Estado, ou melhor, a ingerência política no futebol e sua consequente politização.

O novo fenômeno pode ser melhor observado se entreposto num quadro histórico que o compreende a partir da década de 1910 até meados de 1940, embora sua ascensão não apresente uniformidade cronológica entre todos os países onde pôde ser identificado. Este recorte de pouco mais de três décadas poderia ser definido como a primeira grande era da política de massas. Embora já houvesse sido encubada, a partir de 1870, com a democratização do voto nas áreas desenvolvidas do mundo e com a fundação de partidos políticos de massas bem como de movimentos políticos internacionais, a política de massas ganhou, de acordo com Hobsbawm (1988), um impulso sem precedentes no começo do século XX, à medida que os governos de diversas nações necessitavam cada vez mais de legitimidade popular para governar, e, portanto, precisavam ficar mais próximos – literalmente - de seus eleitores. Ao contrário do que muitos interessados pelas relações entre futebol e política do século XX podem pensar, o primeiro passo para a incorporação do esporte à agenda oficial do Estado não foi promovido nem pelo fascismo italiano nem pelo nazismo na década de 1930. De fato, estes dois regimes foram verdadeiros expoentes na transformação do esporte, sobretudo o futebol, em veículo de propaganda política responsável por divulgar e confirmar a pretensa veracidade da ideologia do Estado alemão e italiano: o nacionalismo racista e imperialista, afinal, a vitória alemã na classificação geral das olimpíadas de Berlim em 1936 e as vitórias italianas nos mundiais de futebol em 1934 e em 1938 eram canalizadas politicamente por seus regimes para demonstrar a “superioridade racial” do povo alemão e italiano<sup>11</sup>.

Contudo, essa afirmação de que foram os regimes fascistas da Europa os pioneiros em se apropriarem de eventos futebolísticos a fim de estreitarem sua identificação com as massas não se sustenta na medida em que se observa, parafraseando Hobsbawm (1988), a “invenção de uma tradição” político-futebolística – vigente até hoje - na Inglaterra a partir de 1914, caracterizada pela presença do rei na partida final de todas as edições da Copa da Inglaterra, cujo troféu passou a ser entregue diretamente pelo monarca à equipe campeã. Ademais, nem mesmo aquela tendência cada vez mais recorrente no imaginário popular do futebol, mediante a qual a competição nesse esporte tornar-se-ia uma poderosa fonte de expressão de sentimentos e rivalidades nacionais, pode ter sua fundação atribuída ao nazifascismo, visto que, como bem ilustra Franco (2007), essas identificações já puderam ser sentidas quando da reação que muitos argentinos tiveram ao ver sua seleção nacional derrotada na final da Copa

---

destino, poderiam ser identificados o Estado, o conjunto dos grandes capitalistas situados no topo mais alto das redes do sistema de clientelismo bem como, de um ponto de vista compatível com a religião dominante da sociedade brasileira, o próprio “Diabo”.

<sup>11</sup> Ver em FRANCO (2007): *A Dança dos Deuses: história, cultura e sociedade*; p. 50, 51 e 52. As olimpíadas de Berlim (1936) e a Copa do Mundo sediada na Itália (1934) não só foram promovidas com intensa participação estatal na construção de estádios, complexos esportivos e infraestrutura necessária para sediar a realização de um evento de magnitude internacional, mas foi igualmente marcada pela distribuição de cargos em federações esportivas para representantes do regime – a Federação Italiana de Futebol passou a ser presidida por um general – bem como por uma intensa cobertura de imprensa pró-nazifascista.

do Mundo de 1930 pela seleção uruguaia: a embaixada do Uruguai na Argentina foi depredada por torcedores deste país após a final. Com certeza uma demonstração de nacionalismo um tanto exacerbada, embora não necessariamente fosse racista ou um nacionalismo de Estado<sup>12</sup>, tal como seria na Alemanha e na Itália anos mais tarde.

Enquanto isso, no Brasil deste mesmo período o governo de Getúlio Vargas (1930-1945), reconhecendo o futebol como importante meio de mobilização das massas e de propaganda, tentava infundir o trabalhismo, nacionalismo, a modernização e a unidade nacional<sup>13</sup> – ideologias oficiais do Estado varguista – no imaginário e na direção do futebol brasileiro, por meio da regulamentação da profissão do jogador de futebol na legislação trabalhista em 1931, da criação de competições inter-regionais como o Torneio Rio-São Paulo em 1933 e do Conselho Nacional de Desportos em 1941 – vinculado ao Ministério da Educação e Cultura – que subordinava a Confederação Brasileira de Futebol e detinha competência para fiscalizar, normatizar e organizar todas as modalidades esportivas do país, bem como pelo investimento estatal na construção de estádios de futebol como o Pacaembu (1938-1940) além do comparecimento de Vargas às partidas oficiais. Outro fato a ser destacado foi a crescente hostilidade popular contra clubes que carregavam a alcunha de “Palestra Itália”, de tal modo que já no final da década de 1930 acabou provocando a substituição por nomes brasileiros: Palmeiras – SP e Cruzeiro – MG.

Sem dúvida nenhuma, a expressão mais espetacular dessa conjugação de identificações políticas, étnicas e nacionais na esfera do futebol foi registrada no território ucraniano da URSS, mais especificamente em Kiev, entre os anos de 1942 e 1943, marcados pela ocupação nazista. Diante de uma Kiev completamente abatida, observa Dougan (2004), as autoridades alemãs que coordenavam a ocupação autorizaram o reinício das atividades esportivas na região como meio de distrair a população de Kiev contra a exploração e o massacre ao qual era submetida. No entanto, a reinauguração de um campeonato de futebol em Kiev permitiu a participação de uma equipe local integrada por alguns dos melhores jogadores da cidade, pertencentes aos antigos Dínamo e Lokomotiv – os times mais tradicionais de Kiev – e que estavam agora reunidos pelo então recém-nascido F.C. Start. Nesse sentido, conforme as partidas se sucediam o F.C. Start exalava sua supremacia com vitórias marcadas por placares elásticos sobre toda sorte de equipes: guarnições húngaras e romenas, uma equipe ucraniana simpática à ocupação nazista e equipes do exército e da força aérea alemã. E foram principalmente as vitórias contra as equipes alemãs que transformaram o futebol e mais especificamente o F.C. Start num símbolo de resistência política contra a ocupação nazista, seja pela mobilização de uma massa de torcedores ucranianos cada vez mais entusiasmada com os resultados da equipe e disposta a demonstrar sua hostilidade à ocupação – o clima entre alemães e ucranianos durante a realização das partidas demonstrava ser cada vez mais tenso – ou então por algumas manifestações emblemáticas proferidas por alguns dos

<sup>12</sup> A presença do Estado argentino na condução de uma agenda nacionalista para o futebol seria efetivada com mais contundência a partir do governo Perón (1945-1955).

<sup>13</sup> O nacionalismo, modernismo e a unidade nacional infundidos no imaginário do futebol revelavam-se igualmente em discussões e em obras literárias de renomados modernistas brasileiros, como Mario de Andrade e Oswald de Andrade, cujas impressões acerca do futebol brasileiro passaram a ser positivas na medida em que detectavam a habilidade popular de “deglutir” elementos importantes do futebol inglês, combinados à adoção de características e práticas genuinamente brasileiras, derivadas das contribuições culturais das três raças “fundadoras da brasilidade”: indígenas, negros e portugueses. Ver em HOLLANDA (2015): Ecos da semana de arte moderna?: a recepção ao futebol em São Paulo e o movimento modernista nas décadas de 1920 e 1930. In: Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer.

jogadores do F.C. Start, que seguramente incomodaram as autoridades alemãs em Kiev<sup>14</sup>, de certo modo indicadoras de um aprofundamento na conscientização e nas lealdades políticas e nacionais comuns à maioria dos atletas da equipe. É ilustrativo relembrar que parte desse plantel de jogadores vitoriosos acabou morrendo como prisioneiros em campos de concentração administrados pelo comando alemão do leste.

Diante de todo o repertório analisado até aqui, cumpre salientar que não houve pretensão alguma em esgotar as reflexões acerca do processo de apropriação concreto e simbólico do futebol por outras culturas e grupos sociais ao longo do século XX. Seria uma tarefa extremamente difícil, senão impossível, na medida em que uma das hipóteses que norteiam este trabalho consiste em afirmar que este processo de apropriação é efetivamente mutável e contínuo, tal como as próprias sociedades que praticam este esporte, variando conforme o tempo e o espaço.

A despeito dos limites já observados, a investigação elaborada nessa parte do capítulo precipitou o desenvolvimento de uma reflexão que se desdobra acerca do processo de construção e reconstrução de identidades sociais, cuja constituição é concebida a partir de uma experiência plural e da ubicuidad<sup>15</sup>, que forjam um imaginário complexo, e que, portanto, contempla, no caso do futebol, a posição socioeconômica dos sujeitos envolvidos; seus sistemas culturais de práticas, símbolos e crenças; suas solidariedades e rivalidades forjadas no âmbito dos certames futebolísticos; a concomitância de fatos políticos que interferem direta e indiretamente na organização do futebol, além da cobertura cada vez mais decisiva e maciça desse esporte pelos meios de comunicação de massa e pela crônica esportiva especializada, que assumem um papel importante a partir do século XX, sobretudo nos países sul-americanos, – Brasil, Argentina e Uruguai – na estruturação de uma linguagem futebolística que busca exprimir concepções de mundo no universo do futebol mediante a construção de categorias conceituais referentes à atuação de seus protagonistas: jogadores e torcedores<sup>16</sup>.

---

<sup>14</sup> Ver em DOUGAN (2004): Futebol e guerra: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas, p. 121, 142, 146, 151, 152 e 161. A recusa em praticar saudações nazistas solicitadas por árbitros antes das partidas para no lugar delas pronunciar um axioma típico da cultura atlética soviética – “*FizcultHura!*” - foi um deles. Além disso, a negação em reduzir o ímpeto durante os jogos, a despeito da orientação de oficiais alemães da SS, bem como a invocação de algumas exortações que saudavam a dignidade e a vitória do “esporte vermelho” sobre o fascismo sintetizam essa identificação com a defesa da “Mãe-pátria” ucraniana e soviética.

<sup>15</sup> O conceito de “ubicuidad” é adotado nesse contexto em conformidade com o sentido em que foi empregado por ALABARCES (2007), ao afirmar que a modernização da sociedade Argentina das duas primeiras décadas do século XX concebeu um conjunto de diferentes eixos produtores de narrativas de identidade. A identidade, nesse sentido, poderia se constituir em torno da classe; da posição política; da idade; do trabalho; dos consumos culturais; do gênero; da etnia ou mesmo a partir de combinações entre diferentes eixos. Ver em ALABARCES (2007): Fútbol y pátria: el fútbol y las narrativas de la nación em la Argentina, p. 27 e 28.

<sup>16</sup> O termo “torcedor” é uma construção conceitual exclusiva do Brasil, e por isso é alvo de problematização. Essa diferenciação de nomenclaturas atribuídas ao conjunto dos espectadores e simpatizantes do futebol de acordo com cada país foi objeto de reflexão por parte de HOLLANDA (2009), cujo exame acerca das perspectivas políticas e artísticas empregadas por cronistas e intelectuais na representação dos entusiastas do futebol, fundada no conceito aristotélico de catarse, desdobrou-se na reflexão sobre a origem de alguns significados embutidos na criação dos termos: torcedor/torcer, *hincha*, *tifosi*, *fan*, etc. Ver em HOLLANDA (2009): *Futebol, arte e política*: a catarse e seus efeitos na representação do torcedor, p. 132 e 133.

A construção desse imaginário complexo no ambiente do futebol será efetivamente esmiuçada mais adiante, bem como alguns de seus desdobramentos mais concretos e recentes, precisamente no âmbito da sociedade argentina do século XX.

### 1.3 Uma breve História da “fundação” do futebol argentino

O desenvolvimento histórico da prática do futebol na sociedade argentina entre 1860 e 1930 foi brevemente apresentado algumas páginas acima, de modo que a linearidade deste processo de apropriação sociocultural e expansão demográfica já é mais ou menos previsível.

A opção por antecipar a análise histórica acerca do processo de incorporação maciça do futebol pela sociedade argentina, com uma ênfase dedicada nesse primeiro momento à história interna da expansão social de sua prática nesse país, deriva da necessidade de prenunciar a fundação de um paradigma narrativo e identitário elementar em torno da representação do futebol argentino, cuja eficácia se observará na repetição desse paradigma ao longo de fases posteriores do desenvolvimento desse esporte na História da Argentina do século XX – mais especificamente durante o peronismo (1945-1955) e durante as décadas de 1980 e 1990 com o sucesso de Maradona.

Dito isso, é de suma importância estabelecer como ponto de partida para essa análise as proposições tecidas por Archetti (2016), para quem a formação de um primeiro imaginário nacionalista do futebol argentino consolidado entre meados da década de 1920 e 1930 – quando o profissionalismo estava começando a se tornar hegemônico -, foi acima de tudo o resultado de uma narrativa construída pela imprensa esportiva portenha e britânica<sup>17</sup>.

Diante de um quadro histórico marcado por certa modernização “descoordenada” da sociedade argentina, desencadeada pela chegada de um número incontável de imigrantes europeus desde o final do século XIX bem como pela notável expansão da urbanização decorrente desse processo, a demanda pela reorganização do sistema político e social do país seria conquistada, de acordo com os principais ideólogos e escritores nacionalistas da virada do século, com a redefinição da identidade nacional argentina exercida pelas instituições oficiais do Estado<sup>18</sup>, incumbidas de assimilar os filhos dos imigrantes no estabelecimento de um projeto de unidade cultural argentina. Tal projeto fora condensado ideologicamente pela seleção arbitrária de um panteão nacional que idealizara e ressignificara a figura do *gaucho*<sup>19</sup>

<sup>17</sup> Archetti (2016) analisa sistematicamente os discursos extraídos das revistas esportivas *El Gráfico* e *The Standard* – periódico britânico radicado na cidade de Buenos Aires – durante as três primeiras décadas do século XX. Nesses dois veículos de importante circulação, conforme ele explicita, divulgavam-se avaliações de jornalistas acerca do desempenho de jogadores e equipes em uma série de partidas, além de entrevistas concedidas por personagens importantes de equipes locais bem como de equipes inglesas que visitavam a Argentina. Ver em ARCHETTI (2016): Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina, p. 98 e 105.

<sup>18</sup> A escola pública funcionou como a principal instituição reprodutora da ideologia oficial do Estado – um nacionalismo de elites – nas três primeiras décadas do século XX. Ver em ALABARCES (2007): Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina, p. 42.

<sup>19</sup> Os *gauchos* são identificados economicamente na História da Argentina como trabalhadores rurais que alugavam periodicamente sua força de trabalho para a execução de tarefas mais ligadas ao pastoreio. Nesse sentido, opunham-se à estabilidade do trabalho exercido pelo proletariado rural surgido do processo de modernização da produção agropecuária argentina no final do século XIX, cuja ascensão implicou no desaparecimento gradual do *gaucho* como sujeito político e histórico. Ver em ALABARCES (2007): Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina, p. 40 e 41.

como novo modelo de *argentinidad*: passando a ser quase que exclusivamente sinônimo de valentia e generosidade, o novo projeto de nacionalismo conservador do Estado argentino exaltava as virtudes da tradição *gaucha*, ao mesmo tempo em que excluía o peso das novas massas urbanas e imigrantes na representação nacional.

Sendo assim, a busca por uma representação da identidade nacional tornou-se fundamental no debate público, de modo que o tema deste debate circulou por várias esferas de influência da sociedade argentina: na literatura; na instrução primária da escola pública; na política; na imprensa; no futebol – sobretudo através da cobertura de imprensa – e um pouco mais tarde, no cinema.

No âmbito do futebol, conforme sublinhou Archetti (2016), a construção de uma identidade nacional argentina resultou do desenvolvimento de um processo de *criollización* da prática desse esporte, baseado na concepção mitológica de um modelo de “*dos fundaciones*” – sistematizado pela revista *El Gráfico*.

Resumidamente, afirmava-se que a prática do futebol na Argentina havia sido iniciada por ingleses e por seus descendentes em suas escolas privadas e clubes sociais restritos, e que, além disso, foram capazes de sustentar uma hegemonia que se estenderia desde a primeira partida de futebol disputada em solo argentino em 1863, até 1911, ano do último título conquistado pelo Alumni<sup>20</sup>, um clube constituído apenas de jogadores ingleses ou de ascendência inglesa, que havia se consagrado como o mais vitorioso do futebol argentino até essa conquista. A partir daí, mais especificamente em 1913, teria ocorrido então a refundação do futebol argentino com a conquista do título nacional pelo Racing<sup>21</sup>, primeiro campeão nacional a ter um time titular composto exclusivamente por jogadores *criollos*<sup>22</sup>, inaugurando um processo de superação do domínio exercido pelos ingleses no futebol local – e depois global –, que culminaria, portanto, na invenção de um novo estilo de jogo próprio – oposto ao inglês: o *estilo criollo*.

Portanto, o *estilo criollo* era o resultado de uma transformação histórica sobre a forma de se praticar o futebol na Argentina, desenvolvida, de acordo com Alabarces (2007), fundamentalmente, mas não unicamente, em três zonas paralelas:

- a. “Las escuelas de la comunidad británica [...] incorporan crecientemente la práctica de los deportes insulares como parte de una concepción educativa, pero también colonial: *mens sana in corpore sano*, y a la vez reproducción de las pautas de sociabilidad original y aislamiento comunitario.
- b. Los clubes sociales y deportivos, primero de la comunidad y luego rápidamente imitados por las clases dominantes argentinas, permeables a toda influencia británica, celosos cultivadores de la mimesis más estricta [...].
- c. Los clubes fundados por empresas para sus empleados. Esta zona de desarrollo es más tardía en el tiempo, desde 1890 en adelante. Pero se

<sup>20</sup> O Alumni Football Club, que havia dominado o futebol argentino entre 1901 e 1913, teve sua equipe formada por ex-alunos do Buenos Aires English High School. Ver em ARCHETTI (2016): Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina, p. 87.

<sup>21</sup> O Racing Club de Avellaneda, fundado em 1903, é reconhecido por seus aficionados como “*El Primer Grande*”, já que o clube Alumni foi extinto há muito tempo.

<sup>22</sup> No tocante a composição étnica dos jogadores que praticavam o *estilo criollo*, ARCHETTI (2016) menciona ao longo do segundo capítulo a presença e, sobretudo, o hibridismo envolvendo descendentes de italianos, espanhóis e “argentinos nativos”, ou, “*criollos* originais”.

revela rápidamente eficaz, y será el nexo fundamental que permita la aparición de nuevos sujetos practicantes [...]. Los ferrocarriles son especialmente aptos para esta posibilidad [...]. Hacia fines del siglo, y con mayor énfasis en la primera década de la nueva centuria, aparecerán clubes fundados por esos sectores, basados en nuevas afiliaciones, barriales, territoriales, antes que laborales.” (ALABARCES, 2007, p. 50 e 51).

Nesse sentido, a fundação desse novo estilo de se jogar futebol estivera condicionada a uma desconexão profunda com toda a tradição e influência britânica nesse esporte. Esse rompimento havia sido originalmente institucional e étnico, para depois, com a mediação dos meios de comunicação, se tornar estético e semântico. No nível da *criollización* institucional da organização do futebol argentino, este processo pôde ser delineado de uma forma mais precisa:

“[...] en 1983 se funda la Argentine Association Football League, presidida, como es natural, por el ‘Father of Argentine Soccer’, Alexander Watson Hutton [...]. El peso británico en la Association es crucial, al punto que el inglés es el idioma oficial de las actividades institucionales. [...] en 1903, la Association elimina el ‘League’ de su nombre; sólo en 1912 cambiará por el español, cuando producto de un cisma se funden simultáneamente la Federación Argentina de Football y la Asociación Argentina de Football. Pero sólo en 1934 la denominación virará definitivamente al castellano, con la fundación de la actual AFA, donde la F reenvía al castellanizado *fútbol*.” (ALABARCES, 2007, p. 51 e 52).

No plano étnico, as mudanças foram identificadas com uma constatação aparentemente objetiva, baseada na expansão dos nomes de origem latina na constituição das equipes dos clubes e da seleção nacional. Contudo, a narração dessa nova realidade assentou-se numa perspectiva mitológica do primeiro êxito de uma equipe “genuinamente *criolla*”:

“La generación de jugadores de apellidos ingleses se va acabando y van apareciendo los Marcovecchio y los Perinetti. Y un nombre, Racing Club, nacido todavía en cuna inglesa, pero en Avellaneda y de segunda: en la sala de espera de la estación Barracas al Sur. Ya en 1913 conquista el campeonato con sólo dos jugadores de prosápia británica. Los demás son nombres más al <<uso nuestro>>. Ochoa, Olázar, Chaco, Muttoni, Firpo, Seminario. Y se convierten en ídolos.” (BAYER, 2016, p. 19).

Sendo assim, se a emancipação do futebol *criollo* em relação ao modelo praticado pelos ingleses constituía uma realidade patente do ponto de vista étnico e institucional, urgia a necessidade de se conceber um estilo de jogo provido de uma ética e de uma estética autênticas, mas acima de tudo, nacionais. Alabarces (2007) reafirmou o papel crucial do desenvolvimento precoce dos meios de comunicação e da indústria cultural na Argentina no começo do século XX defendido por Archetti (2016), segundo o qual os intelectuais periféricos – jornalistas e cronistas esportivos - da classe média, mais próximos do mundo urbano e popular, passaram a representar a nação pela imprensa também através de práticas populares como o futebol, estabelecendo modelos e virtudes masculinas mais compatíveis com as expressões e com a sociabilidade das classes populares urbanas – constituídas, sobretudo, pelos novos imigrantes italianos e espanhóis e seus descendentes. Diante desse cenário, Archetti (2016) sustenta que as reflexões sobre os processos de hibridismo foram fundamentais para a determinação de um *estilo criollo*, tendo como base a transformação de um modelo de hibridismo em um mecanismo de inclusão e exclusão social: “La hibridación

es un mecanismo de creatividad cultural, un tipo de creatividad selectiva: en el mundo del fútbol los descendientes de británicos eran menos creativos que los descendientes de italianos y españoles [...].”(ARCHETTI, 2016, p. 115).

Nesse sentido, enquanto descendentes de imigrantes italianos e espanhóis eram mais facilmente integrados ao conjunto da sociedade argentina, os britânicos conservavam sua sociabilidade exclusiva em seus sistemas de educação e clubes privados, tornando-se naquilo que Archetti (2016) chamou de “*el otro relevante*” para a narrativa nacionalista do futebol argentino. Portanto, ainda de acordo com este autor, às virtudes inglesas de disciplina e coesão coletiva, consciência tática de ocupação de espaço, pragmatismo, *caballerosidad*<sup>23</sup>, força física e coragem, opunham-se as virtudes notavelmente diferentes dos jogadores *criollos*, baseadas na criatividade individual; na aplicação da *gambeta*<sup>24</sup> para evitar o contato físico; na indisciplina e “[...] la astucia, la habilidad de esconder las verdaderas intenciones al transformar la vida y el juego en una serie de simulaciones continuas de modo tal que el adversario no descubra las verdaderas intenciones, y lograr convertir el engaño en victoria” (ARCHETTI, 2016, P. 114).

Sob uma perspectiva histórica, a criatividade e a liberdade do estilo de jogo dos *criollos* haviam sido desenvolvidas em espaços propícios – nos *potreros*<sup>25</sup> –, em oposição à disciplina rígida impregnada no futebol de jogadores ingleses que o haviam aprendido por ter sido estabelecido obrigatoriamente nas instituições de ensino da comunidade britânica residente na Argentina, de modo que, segundo Archetti (2016), as virtudes dos híbridos masculinos no futebol argentino possuíam uma qualidade transgressora capaz de desafiar o modelo inglês de masculinidade dominante:

“El fútbol en la Argentina se considera opuesto a la disciplina escolar. El proceso de criollización implicó un viaje de la escuela a la calle y de lo británico a los nuevos híbridos, productos de la inmigración no británica. En este sentido, y contra los valores de coraje y fuerza de voluntad, los jugadores de fútbol argentinos representan casi lo opuesto: fueron descriptos como sensibles, artísticos y grandes improvisadores.” (ARCHETTI, 2016, p. 118).

Por fim, resta destacar no desfecho deste capítulo a construção simbólica de uma identidade nacional argentina pela via do futebol com significantes e significados relativamente diferentes daqueles atribuídos ao mito *gauchesco* pela narrativa oficial do Estado argentino. Como será possível observar mais adiante, o *criollismo* da ideologia oficial operava sutilmente diferente do *criollismo* futebolístico no que diz respeito às considerações sobre miscigenação, hibridismo e a forma de integração dos filhos dos imigrantes na sociedade argentina. Mais detalhes deste processo de expressão e integração da sociedade civil na Argentina durante a primeira metade do século XX, mediante o engajamento na prática e na fundação de clubes de futebol, serão discutidos no próximo capítulo.

<sup>23</sup> A *caballerosidad* corresponderia ao espírito do “jogo limpo” – *fair play*. O desaparecimento, e de certo modo, a inversão desse código ético no futebol argentino será mais bem explorado no próximo capítulo com a consolidação da profissionalização do futebol na Argentina a partir da década de 1930.

<sup>24</sup> A *gambeta* é reconhecida como equivalente ao *dribbling* (drible), contudo, refere-se ao mesmo tempo a uma palavra derivada da literatura gauchesca e que descreve o modo de correr do avestruz. Ver em ARCHETTI (2016): Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina, p. 101.

<sup>25</sup> Segundo a definição de Archetti, o *potrero* refere-se a espaços urbanos vazios, de diferentes tamanhos, geralmente pequenos e com superfícies desniveladas. Ver em ARCHETTI (2016): Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina, p. 110.



## 2º CAPÍTULO

### A FORMAÇÃO HISTÓRICA E SOCIOCULTURAL DA REPÚBLICA ARGENTINA: ANTAGONISMOS E LUTAS SIMBÓLICAS

La Argentina, como todos, es un país inventado. (ALABARCES, 2007, p. 49).

“Nacionalizamos hace poco los ferrocarriles y ahora nacionalizamos el fútbol”, declaró un eufórico político de la época. (BAYER, 2016, p. 16).

Este capítulo discorrerá pontualmente sobre alguns contextos políticos e experiências socioeconômicas ao longo dos dois primeiros séculos de história da República Argentina a fim de elucidar com maior profundidade as principais narrativas ideológicas que se incumbiram de forjar uma identidade à nação. A análise dessas narrativas antagonistas será igualmente contemplada neste capítulo, bem como suas relações com certos episódios ocorridos no bojo do futebol argentino durante o século XX.

#### 2.1 As origens do nacionalismo argentino: federalismo, caudilhismo e populismo

Essa primeira etapa do capítulo abarcará um estudo sintético do processo de consolidação do Estado nacional argentino durante o século XIX. Com efeito, serão analisadas também as discrepâncias entre as duas principais correntes políticas que disputaram o poder de definir a História e os rumos da nação: federalistas *versus* unitários.

A História da fundação da Argentina esteve inextrincavelmente ligada à do Paraguai, Uruguai e Bolívia, como países que antigamente compunham o antigo Vice-Reino do Rio da Prata, instituído em 1776, cuja sede era a província de Buenos Aires. Feita essa observação, depreende-se que a organização política de toda essa área que pertenceu ao antigo vice-reinado fora condicionada por duas propostas: a primeira é uma derivação do sonho patriótico de grandes líderes dos movimentos de independência hispano-americanos, entre eles Simón Bolívar e de certa forma o próprio San Martín, cujas intenções políticas baseavam-se na formação de pelo menos três ou quatro grandes Estados nacionais em toda América Latina administrados por governos constitucionais altamente centralizados e com poderes executivos profundamente fortes; já a outra proposta repousava em posições políticas um pouco menos objetivas e formalizadas e mais práticas, que preconizava acima de tudo a formação de nações que, poucas ou muitas, de grandes ou pequenas dimensões, constitucionais ou não, deveriam estabelecer sistemas de governo que distribuíssem poder político e autonomia equitativamente entre suas diversas províncias constituintes. Daí a fonte da primeira grande divisão.

Com efeito, desde a data de sua primeira declaração de independência em 1810 até aproximadamente 1880, a Argentina foi sacudida pelas guerras civis que,

“no son solo intercambios bélicos, sino también furiosas y encontradas batallas discursivas donde se dirime una hegemonía; lo que las guerras deciden, finalmente, es la capacidad de un sector para imponer de manera definitiva un sentido a toda la nación.” (ALBARCES, 2007, p.39).

Uma das correntes ideológicas da política argentina a ser esmiuçada nesse capítulo, o federalismo, é resultado dessa oposição em aceitar a criação de um Estado nacional governado hegemonicamente e arbitrariamente pela elite dirigente de Buenos Aires, que já havia sido o polo administrativo e comercial privilegiado pela centralização política do extinto Vice-Reino. Vale ressaltar que, nem todos os autonomistas eram oficialmente federalistas; alguns preferiram mesmo virar separatistas, e assim surgiram Paraguai, Bolívia e Uruguai, mas todos os federalistas eram efetivamente autonomistas. Dito isso, para descrever o pensamento federalista com mais precisão, algumas outras observações prévias ainda são necessárias.

Em primeiro lugar, como sublinhou Shumway (2008), embora a administração do antigo Vice-Reino previsse uma centralização política por parte de Buenos Aires, na prática, as distâncias entre a região portenha e as outras províncias bem como a infraestrutura altamente rudimentar dos meios de transporte que interligavam essas regiões atenuava significativamente o controle e a fiscalização de Buenos Aires sobre as províncias de tal modo que, as *audiencias* e os *cabildos*<sup>26</sup> afiguravam-se como instituições políticas relativamente representativas dos interesses de cada localidade, e, portanto, produtoras de um forte sentimento de localismo político, que depois da independência fora fortalecido pela ascensão dos *caudillos*.

Em segundo lugar, torna-se mais fácil definir o conteúdo do pensamento federalista a partir daquilo que se tornou o programa de governo do partido unitário: seu antagonista. Se para os unitários as instituições políticas coloniais eram evidentemente deletérias por não garantirem plenamente a centralização administrativa e fiscal que Buenos Aires tanto sonhou, elas tornavam-se ainda piores por representarem a herança de uma tradição hispânica e contrarreformista que os líderes mais renomados do centralismo portenho denunciaram, entre eles, o primeiro presidente constitucional da República Argentina unificada - 1826: Bernardino Rivadavia.

Rivadavia, ligado ao partido unitário, pode ser considerado o precursor genuíno do liberalismo argentino. Embora estejam excluídas da referência que faz o subtítulo sobre aspectos importantes do nacionalismo argentino, concebido aqui à luz dos nacionalismos que despontaram pelo mundo no século XX, - antiliberais, protecionistas, nativistas (por vezes xenófobos) e autoritários – as correntes do pensamento liberal teorizaram e aplicaram - pelo menos parcialmente – um programa de governo que vislumbrara a consolidação de um Estado moderno plenamente independente; livre de

---

<sup>26</sup> As *audiencias* eram centros políticos regionais que mediavam administrativamente as cidades e o vice-rei. Subordinados às *audiências*, os *cabildos* eram conselhos municipais constituídos em parte por membros nomeados, mas principalmente por *regidores*, ou vereadores, escolhidos entre os nascidos no lugar ou residentes muito antigos. Ver em Shumway (2008): A invenção da Argentina: história de uma ideia.

qualquer resíduo da colonização espanhola; governado por representantes eleitos de acordo com uma constituição própria; munido de um panteão de heróis nacionais que simbolizassem uma identidade e um destino nacional comum à todos os argentinos e interessado, quando possível, em expandir território e poder mediante guerra com a justificativa de que a Argentina era o país destinado a civilizar o resto da América do Sul.

A trajetória do liberalismo no poder começa efetivamente com a participação política de Rivadavia. Inicialmente membro do Triunvirato que governou as Províncias Unidas do Rio da Prata entre 1811 e 1812, passou a concretizar definitivamente parte de suas aspirações e ideais quando foi nomeado ministro de governo pelo então governador da província de Buenos Aires, Martín Rodríguez, em 1821. Nessa condição, Rivadavia foi responsável pela fundação da Universidade de Buenos Aires bem como de colégios e escolas distribuídas em Buenos Aires e até mesmo pelo interior, junto com a contratação de professores europeus, sobretudo ingleses, para a aplicação de um ensino de matriz voltada para a habilitação prática, utilitarista e científica, em oposição à educação escolástica que ainda predominava sob a direção das ordens religiosas. Criou também a Academia de Medicina; supervisionou a criação da Academia de Jurisprudência Teórica e Prática; organizou uma Sociedade de Beneficência encarregada de supervisionar a educação feminina em todos os estabelecimentos públicos destinados a esse fim bem como de elaborar os materiais de ensino para todas as escolas argentinas. Além desse esforço para uma inédita implantação de uma rede de ensino público elementar e superior no país, uma tentativa de revolução no sistema de educação argentino, Rivadavia fomentou significativamente a atividade cultural em Buenos Aires, apoiando a criação de salões e revistas literárias, grupos de teatro e uma Academia de Música, todos eles projetados como instituições redifusoras das principais tendências artísticas europeias, sobretudo francesas.

Contudo, se por um lado parece razoável admitir elogios a respeito dessas realizações promovidas pelo ministro Rivadavia, a despeito do subjacente desprezo pelas tradições da cultura popular presente na sua compreensão de cultura, sua condução da política econômica é efetivamente indefensável. Seu esforço consistiu em abrir definitivamente a economia argentina ao mercado interacional, sobretudo à Grã-Bretanha, mediante a conclusão em 1825 do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação, que em matéria econômica ampliava o livre comércio entre as duas nações, prejudicando o desenvolvimento da produção manufatureira das províncias argentinas, haja vista que a produção industrial inglesa era a mais competitiva do mundo. Ademais, Rivadavia teve autorização para contrair enormes empréstimos de bancos ingleses para o financiamento de obras públicas, o que acabou vinculando a economia argentina ainda mais à inglesa, sobretudo quando:

“Consultores ingleses foram convidados a participar dos conselhos de políticas públicas, com poderes de contrair empréstimos governamentais, emitir moeda nacional, e regular o comércio e o investimento exteriores. Como é natural, essas posições de poder eram utilizadas em benefício da Inglaterra, a tal ponto que desde seus primeiros anos a Argentina foi dependente de empréstimo e capital, posição que tem comprometido mais de uma vez sua

capacidade de controlar assuntos internos.” (SHUMWAY, (2008), p. 141).

Igualmente perversa foi a “reforma agrária” empreendida por Rivadavia, que, na prática, ao invés de viabilizar a distribuição de terras para uma classe média que seria formada por fazendeiros imigrantes, como era pretendido pelo ministro, concentrou ainda mais a propriedade da terra nas mãos dos oligarcas portenhos.

No que tange à política, Rivadavia dissolveu o *cabildo* de Buenos Aires, vilipendiou caudilhos provinciais e enfrentou o poder da hierarquia católica confiscando propriedades, abolindo tribunais administrados pelas ordens e afastando-as do controle da educação, além de centralizar a administração religiosa sob a direção de um prelado diocesano – medidas que comprometeram seriamente a popularidade do governo.

Em suma, Rivadavia prenuncia nestes seus cinco anos de trabalhos como ministro de governo (1821-1825) e nos dois anos ocupando a presidência da República (1826-1827) paradigmas filosóficos, políticos, econômicos e culturais de nação caríssimos ao liberalismo argentino: cosmopolitismo político, econômico e cultural; desprezo pelas instituições e pela cultura de origem hispânica; anticlericalismo; defesa da imigração estrangeira (de preferência nórdica) e de uma democracia exclusivista e elitista.

Tais paradigmas ideológicos serão a partir de agora definidos conceitualmente como ficções-diretrizes. O conceito de ficção-diretriz, tal como foi empregado por Shumway (2008), expressa a disposição de um conjunto de políticos e intelectuais para forjar um ideal de nacionalidade baseado numa forma específica de narrar a História e eleger os principais mitos e heróis nacionais, bem como as virtudes e os objetivos supostamente comuns a todos os habitantes de um país, de modo que a partir dessa construção intelectual e narrativa seja possível conquistar o consenso ideológico necessário para legitimar as propostas de determinado governo ou grupo político que aspire ocupar o poder.

Após o longo período em que o caudilho portenho Juan Manuel de Rosas se manteve no poder da província de Buenos Aires (1829-1852), as ficções-diretrizes liberalismo argentino ganharam novo impulso com a reconquista do poder por sucessivos governos liberais-conservadores: Bartolomé Mitre (1862-1868), Domingo Faustino Sarmiento (1868-1874), Nicolás Avellaneda (1874-1880) e Juan Argentino Roca (1880-1886), entre os quais Mitre foi aquele que novamente conseguiu reunificar o país sob sua presidência e sob o domínio de Buenos Aires.

Mitre já havia se estabelecido como uma figura política proeminente a partir de 1860 quando chegou a ser nomeado governador da província de Buenos Aires, mas foi depois da queda de Justo José de Urquiza, presidente da Confederação<sup>27</sup> entre 1854 e 1860, que Mitre passou a colocar em prática seus pressupostos de governo, economia e sociedade. Eleito pelo congresso nacional em 1862, Mitre ampliou a abertura da economia argentina ao capital e empréstimos britânicos destinados principalmente à construção de ferrovias e linhas telegráficas; expandiu a construção de escolas e a contratação de professores ingleses e estadunidenses; redigiu extensas obras sobre a História nacional

---

<sup>27</sup> Com a exceção de Buenos Aires, o governo da Confederação, cuja sede era em Paraná, capital da província de Entre Rios, reunia e representava todas as províncias argentinas.

nas quais se dedicou a criar um panteão de heróis nacionais representados em sua maioria pela esclarecida elite unitária; fomentou uma política de imigração maciça que trouxe mais de cem mil imigrantes europeus à Argentina durante seus seis anos de governo; ajudou a articular movimentos de sabotagem contra caudilhos opositores e intensificou a *Conquista do Deserto*, que liberava e capitalizava mais terras para a oligarquia à medida que endurecia o deslocamento e a perseguição aos grupos indígenas e a restrição de terras acessíveis a pequenos fazendeiros e aos trabalhadores *gauchos*.

De todas essas políticas adotadas por Mitre, e que foram repetidas vigorosamente por seus sucessores diretos, - Sarmiento, Avellaneda e Roca - a Conquista do Deserto e o incentivo oficial à imigração europeia foram as que completaram definitivamente o receituário da ficção-diretriz prenunciada pelo liberalismo rivadaviano. Portanto, o liberalismo argentino do século XIX e seus representantes unitários conceberam em termos gerais uma ficção-diretriz de povo e de nação que contemplava uma profunda admiração não só pelas teorias políticas e econômicas europeias, que consistiam no amor pelos conceitos de república, democracia, constitucionalismo, (ainda que por vezes os unitários fossem absolutamente anticonstitucionais e antidemocráticos) livre-comércio e exploração privada dos meios de produção (mais especificamente da terra para a produção agropecuária), mas também pela cultura, ciência e tecnologia europeia e estadunidense, que, no limite, implicava na exaltação das “raças anglo-saxônicas e germânicas” bem como no desprezo pela tradição hispânica e dos próprios habitantes mestiços, *gaúchos*, indígenas e negros que compunham a população nacional. Em suma, de acordo com essa ficção-diretriz, a civilização e o progresso precisavam ser importados da Europa do Norte e dos Estados Unidos para a Argentina, que por sua vez deveria ser uma reprodução desses países e dessas sociedades.

Nesse sentido, ao afirmar que o pensamento federalista se opôs ao receituário do liberalismo unitário, depreende-se que os principais representantes de uma ficção-diretriz nacionalista no século XIX professaram duas tendências políticas que, apesar de algumas semelhanças, eram marcadamente diferentes: um desses nacionalismos era progressista, e o outro profundamente reacionário.

O nacionalismo reacionário pode ser identificado com a posição assumida por caudilhos como Rosas e alguns outros federalistas portenhos como Tomás Manuel de Anchorena, um dos oligarcas mais ricos que habitou a Buenos Aires do século XIX. De maneira geral, esses federalistas proclamavam seu orgulho pela tradição espanhola; devoção absoluta pela Igreja Católica argentina; cultivavam a lealdade e a admiração entre seus empregados e soldados *gaúchos*; deploravam as teorias e hábitos estrangeiros e eram relativamente indiferentes à ideia de criação de uma confederação argentina composta por províncias autônomas que compartilhassem suas rendas. Ademais, eram completamente insensíveis à exclusão dos povos indígenas da sociedade argentina bem como à exclusão dos pobres do campo, os *gauchos*, na vida política.

Os quase vinte anos em que a província de Buenos Aires se manteve sob o domínio de Rosas ilustram bem esses posicionamentos: Rosas ampliou o contato comercial dos fazendeiros portenhos com os ingleses, elevando ainda mais os lucros da oligarquia portenha; subornou e negociou com grupos indígenas a fim de promover a guerra entre agrupamentos rivais e a liberação de mais terras para a oligarquia; fortaleceu o poder e

os privilégios da Igreja; censurou jornais unitários e instituiu uma polícia secreta, a *mazorca*, composta de *gauchos*, *zambos* e outros grupos desprestigiados da sociedade portenha com a finalidade de perseguir seus adversários políticos; negligenciou a educação e as instituições culturais valorizadas por Rivadavia; tentou reconquistar Uruguai e Paraguai e ignorou as demandas das outras províncias.

Resumidamente, esse federalismo de homens como Rosas invocava a ficção-diretriz de um nacionalismo aristocrático, personalista, paternalista, hierárquico, católico, orgulhoso de suas raízes hispânicas, e que, se teoricamente rechaçava o projeto de uma unificação nacional centralizada em Buenos Aires, na prática, Rosas se limitou a manter as Províncias (des)Unidas argentinas separadas, conservando a vultuosa renda alfandegária do porto de Buenos Aires sem transferir nenhuma parcela dessa renda a uma espécie de tesouro nacional que distribuísse harmoniosamente a riqueza de Buenos Aires com o resto da nação. Essa ficção-diretriz conquistaria novo impulso no começo do século XX com a ascensão de escritores e pensadores nacionalistas inconformados com a “corrupção da identidade argentina” provocada pela imigração maciça de europeus estimulada pelos governos liberais; e igualmente apavorados com as novas doutrinas políticas trazidas pelos trabalhadores imigrantes: socialismo e anarquismo. Alabarces (2007) classifica esse resgate nacionalista do princípio do século XX como um movimento de tendências fascistas, interessado em estabelecer uma assimilação forçada dos imigrantes na sociedade argentina por meio da escola pública e do serviço militar e que canonizou a figura do *gaucho* – que sociologicamente estava quase extinto - como o símbolo da identidade nacional. Os principais interlocutores dessa corrente foram os irmãos Irazusta, Manuel Gálvez, Leopoldo Lugones e Ricardo Rojas, junto com alguns oficiais do exército de sólida formação germanista.

A outra vertente do federalismo argentino foi pronunciada na política, na poesia e algumas vezes através da imprensa alternativa. Seus defensores mais ilustres foram o caudilho uruguai José Artigas que governou a antiga Banda Oriental (1811-1820); Justo José de Urquiza, caudilho de Entre Rios; Martín Güemes, herói da independência; os poetas Carlos Guido y Spano e Olegario Víctor Andrade; parcialmente, Juan Bautista Alberdi, intelectual e escritor prolífico e os poetas do gênero *gauchesco*, Bartolomé Hidalgo e José Hernández, autor do épico e consagrado poema da literatura argentina: *El Gaucho Martín Fierro*.

A despeito de algumas posições no mínimo contraditórias adotadas por alguns desses sujeitos ao longo de suas vidas, – Alberdi redigiu obras expressamente compatíveis com alguns conceitos unitários sobre economia, democracia e civilização; Urquiza abandonou a resistência federalista para se estabelecer no conforto de sua estância em Entre Rios e José Hernández aderiu ao fim da vida a um estilo de vida e a uma narrativa literária em sua *La Vuelta de Martín Fierro* extremamente elitista – pode-se afirmar que, em seus melhores momentos, expressaram certas reivindicações absolutamente importantes para a criação de uma ficção-diretriz nacionalista popular e democrática.

Se o federalismo de Rosas era parcialmente antiliberal porque desprezava a democracia doutrinária e exclusivista dos unitários em nome da preferência popular por sua liderança personalista, as redações e os pronunciamentos de José Artigas revelavam um antiliberalismo ainda mais genuíno em sua disposição de proteger a economia

nacional da desleal concorrência estrangeira provocada pelo livre comércio que beneficiava apenas a oligarquia portenha, além de militar em defesa de um programa ambicioso de reforma agrária, que não só visava o combate à concentração de renda e o confisco de propriedades ociosas, mas propunha também a distribuição dessas terras para os grupos pobres e marginalizados da sociedade – *gauchos* e índios – bem como estipulava que o governo deveria fornecer subsídios em forma de crédito, ferramentas e gado para atrair e integrar os indígenas à economia nacional.

Se o federalismo portenho era populista e nacionalista porque deplorava a obsessão unitária pelas instituições e pela cultura inglesa, francesa e estadunidense, ao passo que lutava para preservar a tradição hispânica e os valores religiosos da cultura popular, por outro lado, os textos de Guido y Spano e Olegario Andrade, os poemas de Hidalgo e Hernández e os decretos de Artigas conceberam um populismo identificado com uma espécie de democracia radical e nativismo que buscou fornecer aos pobres mestiços do campo uma representatividade, participação e valorização quase que revolucionárias. Homens de diversas ocupações como Andrade, Artigas, Alberdi e Hernández sustentaram que os *gaúchos* e os demais habitantes mestiços – os indígenas eram reverenciados em menor grau - constituíam o verdadeiro repositório da “identidade americana” e que nenhum projeto de nação poderia excluí-los da sociedade, seja na arte, na literatura, economia ou política. Se para os unitários os *gaúchos* serviram apenas para fraudar eleições e encurralar os indígenas nas Campanhas do Deserto, e para os federalistas portenhos somente para engrossar as fileiras de suas milícias particulares e polícia secreta (no caso de Rosas), progressistas como Artigas, Güemes e em menor grau Urquiza conclamaram a plena participação dos excluídos no processo eleitoral e na ocupação de cargos políticos. Artigas chegou mesmo a conceder ao seu filho adotado, Andrés Artigas, um índio guarani, o governo da província de Misiones e a encarregá-lo de enviar representantes indígenas para o congresso da Liga dos Povos Livres (1815-1820<sup>28</sup>).

Além do mais, os federalistas provinciais, diferentes dos portenhos, aspiravam à criação de um Estado nacional confederado entre províncias genuinamente iguais e aliadas, extinguindo-se todos os privilégios de Buenos Aires e estabelecendo uma ideia de um destino nacional próprio e orgulhoso, *La Gran Argentina*, ao invés de uma mera extensão da Europa na América.

Por fim, o federalismo e a ficção-diretriz nacionalista saíram derrotados das guerras civis, e o projeto de nação liberal-conservador solidificou-se a partir da década de 1880. Não obstante, alguns elementos da ficção-diretriz nacionalista progressista foram revitalizados pelo populismo radical de Hipólito Yrigoyen nas décadas 1910 e 1920 e pelo peronismo a partir de 1940. Em seus melhores momentos e com algumas readaptações em virtude das diferenças de contexto, tais movimentos reinvocaram além do personalismo característico, alguns aspectos da democracia radical, nativismo, nacionalismo econômico e antiliberalismo preconcebidos pelo pensamento federalista do século XIX.

---

<sup>28</sup> A Liga dos Povos Livres do Litoral consistiu numa pequena confederação composta pelas províncias de Entre Rios, Corrientes, Santa Fé, Misiones e a Banda Oriental (atual Uruguai).

## 2.2 As novas tensões e as “novas” bandeiras do século XX: urbanização, depressão, yrigoyenismo e peronismo

Definidos os últimos limites territoriais com o fim da Guerra do Paraguai (1864-1870), finalizada a Conquista do Deserto e encerradas as guerras-civis que inviabilizaram a unificação política nacional durante sessenta anos, a Argentina vislumbrou entre 1880 e 1914 um período de enorme prosperidade econômica, cujos desdobramentos políticos, sociais e culturais fixaram no país alguns dos elementos e das experiências mais recentemente vivenciadas pela modernidade europeia, além de suas contradições, acentuadas em um país que mostrou-se não estar tão disposto ou preparado para tornar-se uma democracia plenamente estável.

Esse crescimento espetacular da economia argentina durante esse período foi gerado pelo desenvolvimento de três políticas já muito conhecidas pela elite nacional, e que remontam às presidências de Mitre e Sarmiento: fomento às exportações agropecuárias, à imigração europeia e às inversões de capitais estrangeiros.

A atividade agropecuária se ampliou substancialmente com a integração cada vez mais profunda da economia argentina ao mercado mundial, sobretudo por meio da celebração de uma série de acordos comerciais com a Grã-Bretanha, através dos quais a Argentina consolidava um papel muito bem delineado na divisão internacional do trabalho, adotando os preceitos das vantagens comparativas advogados pelo liberalismo econômico: exportadora de bens primários e importadora de capitais e produtos industrializados. Em menor grau, a ampliação dessas atividades promoveu-se também mediante a liberação de novas terras na região da Patagônia e do norte do país, para onde se deslocaram parte dos contingentes imigratórios que chegavam à Argentina na virada do século, com a esperança de ascenderem socialmente durante o processo de “fazer a América”. Embora muitos imigrantes tenham conquistado uma ascensão social ao longo da vida, integrando-se alguns deles a uma bem-sucedida classe média de produtores rurais e outros ao conjunto de profissões liberais que se acumulavam com o desenvolvimento dos centros urbanos, os principais compradores de terras, e, por conseguinte, mais beneficiados pelo crescimento da atividade agropecuária de exportação, seguiram sendo os membros da tradicional oligarquia portenha e do litoral.

Como atesta Romero (2006), parte das rendas provenientes das exportações agropecuárias foi canalizada tanto pelo Estado quanto por particulares para financiar grandes projetos de urbanização, infraestrutura e embelezamento das grandes cidades, especialmente em Buenos Aires e Rosário. Tais transformações foram impulsionadas, sobretudo, na primeira década do século XX, entre elas a extensão substancial da malha ferroviária nacional, de 2500 km de trilhos em 1880 para 34 mil em 1916; reformas no porto de Buenos Aires; a construção de avenidas largas, de edifícios públicos – escolas, hospitais, repartições administrativas - e de uma rede de transporte urbano constituída por bondes elétricos e depois pela construção em Buenos Aires da primeira rede metroviária da América Latina em 1913; além da construção de um conjunto de prédios particulares dos mais sofisticados e de estabelecimentos comerciais, que de certo modo refletiam localmente a euforia do espírito da *Belle Époque* tão aclamado entre as classes médias e altas da Europa ocidental.



Grande parte desses empreendimentos de infraestrutura e transporte foi afiançada com a concessão de créditos por parte de grandes bancos britânicos, bem como pela condução direta por empresas britânicas instaladas em solo argentino, que adquiriram proeminência no controle das ferrovias e dos bondes elétricos. “Entre 1880 e 1913, o capital britânico aumentou quase vinte vezes na Argentina.” (ROMERO, 2006, p. 16). Essa dependência cada vez mais aguda da penetração de capital britânico, que em tempos de prosperidade fomentou o desenvolvimento econômico nacional, em tempos de crise, aprofundaria as dificuldades e os conflitos sociais.

No tocante à imigração, a notória incompatibilidade entre a vultosa massa de estrangeiros que desembarcava no país com a chegada do século XX e o esgotamento cada vez mais patente da fronteira agrícola – embora a exportação de cereais e carne continuasse crescendo violentamente -, forçou numerosos contingentes de imigrantes a se instalarem, muitas vezes de forma improvisada, nas grandes cidades:

“Em 1895, dois em cada três habitantes da cidade eram estrangeiros e, em 1914, quando eles já haviam gerado muitos filhos argentinos, a metade da população da cidade ainda era estrangeira. A maioria era italiana, primeiro do Norte e em seguida do Sul, depois os espanhóis e, em menor número, os franceses. Mas chegaram pequenos contingentes de imigrantes de todos os lugares, ainda que em pequena quantidade, tanto que se pensava em Buenos Aires como uma nova Babel. (ROMERO, 2006, p. 21).”

Desse modo, a sociedade argentina atravessava um processo de transformação profundo em suas estruturas econômicas, sociais e demográficas. Como atestou Romero (2006), os 1,8 milhões de habitantes em 1869 converteram-se em 7,8 milhões em 1914, enquanto Buenos Aires passava, entre esse mesmo período, de 180 mil para 1,5 milhão. Esse fluxo volumoso de imigrantes que se dirigiu às grandes cidades acabou constituindo um mercado muito atraente para a promoção de novas atividades econômicas, sobretudo industriais. Emergiram assim, nessa etapa ainda incipiente do desenvolvimento industrial argentino, entre a última década do século XIX e a primeira do século XX, fábricas de elaboração de alimentos e outros bens de consumo de pouco valor agregado, que, somadas a outras atividades econômicas já mais plenamente desenvolvidas, como o setor de transportes, construção civil, armazéns portuários e frigoríficos, aumentavam substancialmente a demanda por mão de obra nos centros urbanos, nesse momento majoritariamente imigrante.

Evidentemente, esses trabalhadores imigrantes não trouxeram consigo apenas a disposição para o trabalho manual. Além dos costumes, línguas, dialetos e tradições, carregaram consigo as experiências e orientações políticas do movimento operário europeu, especialmente das correntes anarquistas, e em menor grau, socialistas. Por conseguinte, o espírito de associação e imprensa passou a ser amplamente difundido, mediante a fundação de numerosos sindicatos de ofícios; jornais populares; bibliotecas; associações de bairro e étnicas de assistência mútua, e, significativamente, de clubes de futebol. A história de fundação de vários clubes tradicionais da grande Buenos Aires reflete muito bem a magnitude desse impulso associativo, que podia se organizar em torno de identificações políticas, étnicas, de bairro, de classe, religiosas, nacionais, e que, frequentemente, desencadeavam uma intersecção entre duas ou mais identidades.

A *Asociación Atlética Argentinos Juniors*, fundada em 13 de agosto de 1904, antes de receber o epíteto “Argentinos”, havia sido batizada no dia 1º de maio desse mesmo ano como *Club Mártires de Chicago*, em homenagem à luta dos trabalhadores norteamericanos pela regulamentação da jornada de trabalho de oito horas. Foi também num 1º de maio a data de inauguração em Buenos Aires do *Club Atlético Chacarita Juniors*, fundado em 1906 numa biblioteca libertária por um grupo de socialistas. De La Boca, bairro da região sul de Buenos Aires, com forte presença de genoveses nessa primeira década do século XX, emergiram os clubes mais consagrados do futebol argentino: Boca Junios e River Plate. O primeiro, que por sua nomenclatura estabelecia uma referência direta com o bairro onde era sediado, compunha-se de uma torcida e de uma identidade essencialmente operária, primeiro pela proeminência da presença daqueles trabalhadores genoveses que residiam em La Boca, e depois, a partir de 1930, dos *cabezitas negras*<sup>29</sup> que chegavam do interior, atraídos pela expansão da oferta de emprego na indústria. Sua identificação plebeia passou a ser reforçada com o tempo em virtude de alguns adjetivos atribuídos pejorativamente pela torcida do River Plate, como é o caso de *Bosteros*<sup>30</sup> – aceito e incorporado pela própria torcida boquense – e *Bolivianos*<sup>31</sup>. Já o River Plate, seu maior rival, transferiu-se para o bairro de Nuñez, numa região mais requintada da cidade, onde sua torcida adotou uma identidade de classe média alta, – embora se convertesse na segunda maior torcida do país, um fenômeno proporcional ao ocorrido com o São Paulo Futebol Clube no Brasil – reforçada com a adoção do apelido *Millonarios*, estabelecido durante um período de apogeu econômico do clube, cujo cume foi alcançado com a pomposa inauguração do seu estádio em 1938: o Monumental de Núñez.

Entretanto, se essas experiências sociais de participação e integração amadureciam no plano das associações de ofícios e dos bairros, expressa pela difusão dos “*clubes deportivos y sociales*”, no plano político-institucional, as experiências de cidadania eram muito precárias. Em primeiro lugar, pela resistência da elite político-econômica em consolidar a democratização do regime através do simples cumprimento da constituição: as eleições, que deveriam ser limpas e justas, eram extremamente fraudulentas e favoráveis ao Partido Autonomista Nacional, que, por sua vez, conforme indicado por Di Tella (2017), consistia numa aliança estabelecida entre os sucessivos chefes máximos do partido, que de 1874 à 1915 também acumularam o cargo de presidentes da República, e uma federação de governadores e caudilhos provinciais que negociavam sua lealdade em troca de benefícios e da promessa de não intervenção do governo federal, configurando uma poderosa rede de clientelismo que excluía a participação popular e a oposição partidária do jogo político nacional, de modo que o sistema acabou sendo batizado pelo nome depreciativo de *unicato*.

---

<sup>29</sup> Essa expressão refere-se ao tom de pele mais escuro dos migrantes das províncias do interior da Argentina, especialmente da região norte e noroeste, onde existe uma grande presença de mestiços com forte ascendência indígena. Além disso, foi usada posteriormente para designar genericamente os partidários de Perón, entre os quais se destacavam os operários oriundos do interior.

<sup>30</sup> A origem do “apelido” *bostero* já adquiriu varias versões. Na mais depreciativa – e provavelmente fictícia – delas, torcedores do River Plate sustentam que o termo havia derivado da presença de um esgoto à céu aberto que cruzava o bairro de La Boca, reforçando sua condição de pobreza.

<sup>31</sup> A nacionalidade boliviana é estigmatizada por uma razoável parcela da sociedade argentina. E a associação com a torcida do Boca Junior deveu-se à fixação no bairro de La Boca de parte dos migrantes mestiços que vieram se estabelecer em Buenos Aires a partir da década de 1930.

Paralelamente a essa defasagem do processo político, as greves dos trabalhadores dos diferentes setores da economia argentina se multiplicavam à medida que se acentuava o crescimento econômico, e o mecanismo tradicional empregado pelos governos conservadores para solucionar esses conflitos, a repressão policial, parecia cada vez menos convincente. A pressão sobre o regime desencadeou um processo de flexibilização política que em 1912 concretizou-se parcialmente com a aprovação da lei Sáenz Peña, batizada com o nome do presidente que a instituíra e que por meio dela estabeleceu o voto secreto, obrigatório e universal entre a população masculina, cuja regularização eleitoral ordenava-se através de uma credencial adquirida pelo cumprimento do serviço militar obrigatório de um ano, empreendido com a finalidade de nacionalizar a população imigrante masculina, cuja maioria recusava, num primeiro momento, a adoção da cidadania argentina.

Nesse sentido, o processo de democratização da política argentina culminou com o triunfo eleitoral de um novo partido nas eleições de 1916: a União Cívica Radical. Fundada em 1891, estabeleceu-se originalmente como um partido das classes médias e médias baixas nacionais – os imigrantes, no caso dos trabalhadores, em sua maioria aliaram-se ao sindicalismo e ao anarquismo sem representação partidária, ou ao Partido Socialista – e seu programa de governo revelava uma heterogeneidade e uma imprecisão ideológica explicada em parte pela trajetória política de seus principais líderes, mas também pela eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914, que, por sua vez, provocara o fim da era de sucesso de um sistema econômico regido pelos mecanismos tradicionais da exportação agropecuária e da captação de investimentos estrangeiros (britânicos).

Presidente eleito em 1916 e líder da ala mais radical do partido, Hipólito Yrigoyen havia participado e se desligado igualmente tanto do Partido Autonomista Nacional, representante genuíno da aristocracia latifundiária, quanto do liberalismo mitrista reunido no Partido Republicano, consolidando desde então uma conduta política que seria consagrada na célebre máxima de seu tio, Leandro Alem, um dos fundadores do partido: *“que se rompa pero que no se doble”*. Além da intransigência, o programa político de Yrigoyen possuía uma tendência claramente reformista, mais compatível com a nova realidade de retração econômica e de tensões sociais. Durante os anos em que governou o país, 1916-1921 e 1928-1930, procurou solucionar os conflitos trabalhistas através da arbitragem estatal, que em algumas ocasiões fora generosa com as demandas sindicais, além defender publicamente propostas de desenvolvimento econômico mais equilibrado, com base numa distribuição mais justa das terras públicas e da emancipação econômica do interior através da extensão da cobertura de sua malha ferroviária. Além disso, Yrigoyen defendeu a participação hegemônica do Estado na condução de alguns setores estratégicos da econômica nacional, sobretudo no âmbito da exploração e comercialização do petróleo, mediante a criação da *Yacimientos Petrolíferos Fiscales*, em 1922.

Paralelamente a isso, Yrigoyen estabeleceu uma liderança profundamente personalista, expressa através da difusão de seu retrato para decoração de uma gama de objetos domiciliares e de uso cotidiano, de modo que a repercussão de sua imagem, entre correligionários e simpatizantes, confundia-se com a do próprio partido, ao passo que seus adversários imputavam-lhe a pecha de um caudilho bárbaro e ignorante. Também usou amplamente o orçamento e as instituições do Estado para favorecer seus

partidários nas disputas eleitorais, bem como interviu frequentemente na administração de governos provinciais adversários. Esse seu projeto de hegemonia certamente correspondia à sua concepção de poder, ou seja, baseava-se na intransigência em relação ao compartilhamento do poder com a oposição, de tal modo que isso lhe rendeu, junto com as sucessivas crises econômicas e agitações sociais, uma desconfiança profunda por parte dos setores reacionários da sociedade, cada vez mais organizados e atraídos em torno de um nacionalismo de direita que via no apelo às Forças Armadas o caminho para a regeneração nacional. O exército, embora dividido internamente entre nacionalistas, legalistas, nacionalistas de direita e liberais, consentiu na necessidade de demover Yrigoyen do poder em 8 de setembro de 1930, através de um golpe militar, interrompendo a breve experiência relativamente democrática que predominou durante os governos radicais (1916-1930).

A queda de Yrigoyen representava a derrota de um programa político reformista que ecoava algumas tendências do populismo argentino do século XIX: uma razoável integração política e econômica das camadas sociais mais desfavorecidas; a inclinação por uma liderança política personalista, que buscou mitificar a figura do chefe; além de uma desconfiança em relação ao regime econômico liberal-oligárquico, agravada pela crise desencadeada pela Grande Guerra e pela depressão mundial de 1929, de modo que a participação do Estado na economia se apresentava como uma alternativa mais natural para a indução do crescimento econômico. Essa identidade de interesses intensificou-se com a eclosão do peronismo em 1943, que, por sua vez, fora um movimento político que derivou em parte das crises surgidas durante a *Década Infame* (1930-1940).

A década de 1930 foi marcada pela desorganização do mercado mundial provocada pela depressão de 1929, que afetou violentamente o setor agropecuário e o comércio exterior argentino. A resposta dos governos da *Concordância*<sup>32</sup> desenvolveu-se no sentido de estimular uma moderada política industrial de substituição de importações, ao mesmo tempo em que tentou preservar os privilégios da grande elite agropecuária, sobretudo o ramo dos invernadores, através de acordos comerciais consubstanciados na assinatura do pacto Roca-Runciman, em 1933. Tal pacto beneficiava não só os principais invernadores de carne do país, mediante a consolidação de uma cota de exportação reservada a esse grupo, como também concedia uma série de vantagens às empresas britânicas nos setores de frigoríficos, transportes urbanos e na redução das tarifas alfandegárias, além de garantir a ingerência de financistas britânicos na direção do Banco Central. De acordo com Murnis e Portantiero (2004), tais medidas, ao passo em que estimularam a transferência de capitais da agropecuária para a indústria, fomentaram ao final da década um desenvolvimento econômico impulsionado pelo crescimento do setor industrial, cujos benefícios foram distribuídos desigualmente entre os agentes econômicos, em detrimento do operariado urbano, prejudicado pela queda do salário real, e das classes médias e camponesas do interior, afetadas pela política embutida no tratado de 1933.

Com a ampliação da oferta de emprego nas cidades, a demanda por trabalho, antes suprida pela imigração, agora era preenchida pelas migrações internas em decorrência

---

<sup>32</sup> A Concordância consistiu na formação de uma aliança política hegemônica que governou a Argentina de 1931 à 1943. Integravam essa composição o Partido Nacional Democrático, a União Cívica Radical Antipersonalista e o Partido Socialista Independente.

do declínio das atividades agrícolas. E, como a criação de novos empregos não foi acompanhada pelo aumento do salário real, as greves voltaram a se multiplicar, sem, contudo, conquistarem as melhorias reclamadas, ao passo em que eram duramente reprimidas pelos governos conservadores, indispostos a negociar com a agitação social.

Durante esse período de intensificação das desigualdades sociais bem como da repressão policial às greves, é possível que a insatisfação popular tenha sido parcialmente descarregada no futebol. A identidade *criolla* do futebol argentino, consagrada no fim da década de 1920, que havia sido baseada num estilo de jogo criativo, pessoal e indisciplinado, em oposição à força e a disciplina coletiva britânica, adquiriu ao longo da década de 1930 um novo elemento de distinção. Se os ingleses destacavam-se por sua lealdade e pelo respeito às regras, em que pese o estilo de jogo ríspido que impunham aos adversários, os jogadores argentinos desenvolviam um comportamento extremamente adverso: mantinham a hegemonia de um jogo apoiado na *gambeta* para evitar o contato, mas em contrapartida, desrespeitavam cada vez mais as decisões dos árbitros e recusavam-se, em muitos casos, a aceitar a vitória dos adversários. Conforme observou Alabarces (2007), a partir da década de 1930, tais comportamentos se refletiram no registro cada vez mais frequente de casos de agressões a árbitros, jogadas violentas, brigas generalizadas entre duas equipes e, inclusive, num comportamento muito mais agressivo das torcidas. Fora dos campos, o exercício da cidadania era suprimido pelas autoridades, enquanto que no universo do futebol, essas eram completamente desrespeitadas: primeiramente apenas os “juízes”, mais pra frente, somaram-se a esses *los policias*.

As reivindicações acumuladas ao longo desses anos no tocante à concentração de renda e a hegemonia de um setor mancomunado a interesses estrangeiros, em detrimento de uma ampla parcela da sociedade, encontraram uma resposta positiva na atuação do Secretário do Trabalho e Segurança Social do governo do presidente Pedro Pablo Ramírez, em 1943: nada mais nada menos que o coronel Juan Domingo Perón.

Antes de iniciar sua experiência no comando da Secretaria do Trabalho e Segurança Social, Perón integrava uma organização militar dentro do exército conhecida como Grupo de Oficiais Unidos, de cuja ideologia se extraía um forte conteúdo nacionalista, manifestado pela adoção pertinaz de uma postura de neutralidade perante a Segunda Guerra Mundial, fato que irritaria profundamente o governo norte-americano e seu Secretário de Estado à época, obstinados em consolidar a doutrina Monroe para benefício exclusivo. As tensões entre os governos militares argentinos (1943-1945) e os Estados Unidos se exacerbaram a partir da manutenção da neutralidade, culminando numa série de sanções econômicas impostas pelo governo norte-americano à Argentina, bem como na tentativa descarada do embaixador estadunidense Spruille Braden de intervir nas eleições presidenciais argentinas para 1946, por meio de uma campanha de difamação agressiva contra Perón consagrada na publicação do “Livro Azul”, segundo o qual Perón era acusado de manter ligações estreitas com o nazifascismo. O plano de Braden, evidentemente, fracassou.

No entanto, se sua denúncia, do ponto de vista técnico-teórico, era demasiado reducionista, e do ponto de vista diplomático consistia numa intenção clara de deslegitimar uma candidatura de governo hostil ao imperialismo norte-americano, por

outro lado, não podia ser considerada completamente mentirosa na medida em que se estabeleceram algumas semelhanças entre a doutrina peronista e a teoria do Estado fascista, particularmente a do regime de Mussolini.

Durante a década de 1930, Perón trabalhou por vários anos como adido militar na Itália, experiência que lhe possibilitou observar de perto algumas das realizações do regime do *Duce*. Ali, admirou-se pela participação cada vez mais ativa do Estado na regulação das relações econômicas, mediante a aplicação de um conjunto de políticas de segurança social e de ampliação dos benefícios trabalhistas, que além de provocarem uma melhora significativa na qualidade de vida dos trabalhadores, ajudava a sufocar o ímpeto da revolução social. Não à toa Perón declarou coordenar um movimento político que consistia numa espécie de terceira via, nem totalmente capitalista, nem socialista.

Contudo, embora a inspiração pelo governo de Mussolini seja evidente, sua atividade política expressou características muito singulares durante os treze anos (1943-1955) em que se estabeleceu como a principal personalidade do seu país, de modo que, associar sua experiência de governo à de um regime fascista, implica ignorar vários aspectos de sua política social, fundamentais na construção de sua doutrina: o *justicialismo*.

Ao longo de sua experiência como secretário do Trabalho e Segurança Social, Perón instituiu uma série de direitos trabalhistas importantíssimos: “ampliou-se do regime de aposentadorias, férias remuneradas, acidentes de trabalho; foram ajustadas as categorias profissionais [...]” (ROMERO, 2006, p. 93). Também foram institucionalizados nacionalmente o salário mínimo e uma espécie de décimo terceiro salário, além da criação do Estatuto do Peão Rural, através do qual se estendia os direitos trabalhistas e a participação do Estado no mundo do trabalho urbano também para o campo. Contudo, além da implantação desse conjunto de benefícios, Perón estreitou ostensivamente os vínculos com os dirigentes sindicais, com os quais negociava diretamente e conferia uma solução aos conflitos e reivindicações trabalhistas mediante contratos coletivos, que, apesar de supervisionados pela Secretaria, suscitavam uma ampla mobilização dos trabalhadores, através da proliferação dos comitês de fábrica, estimulados por Perón.

Essa pujante concessão de direitos somada a uma não menos notável concessão de um protagonismo político àqueles historicamente silenciados, provocou um enorme receio entre a elite, setores da direita política e entre os próprios militares do alto escalão do governo do general Farrell (1944-1946), de modo que, no dia 8 de outubro de 1945, Perón havia aceitado uma demissão forçada dos postos que ocupava – além da Secretaria do Trabalho e Segurança Social, foi Ministro da Guerra e Vice-presidente – e acabou sendo preso logo em seguida.

Entretanto, passados nove dias, Perón não só havia sido libertado como também readmitido em todos os cargos que ocupava no atual governo, pressionado pela mobilização de uma multidão de pessoas humildes que havia tomado a praça de maio para si no histórico 17 de outubro para reivindicar a liberação do coronel, fato que acabou culminando com o pronunciamento de Perón aos seus simpatizantes em um discurso que fora retransmitido nacionalmente pela cadeia de rádio, marcando o início de sua candidatura presidencial para as eleições de 1946.

Vencida à eleição em 24 de fevereiro 1946, Perón se movimentou para consolidar sua doutrina de governo e estendê-la aos vários setores da sociedade. O programa peronista, embora complexo, seguia uma linha clara. Sua concepção de economia, que previa uma ampla participação do Estado como indutor de estabilidade e crescimento, sobretudo num contexto de incertezas inaugurado com o fim da segunda guerra, materializou-se num vigoroso incentivo ao desenvolvimento industrial alimentado pela expansão do mercado interno. Para tanto, em seu primeiro mandato (1946-1951) patrocinou uma série de mecanismos com essa finalidade: expandiu a distribuição de crédito ao setor industrial por meio do Banco Industrial; nacionalizou o comércio exterior através do Banco Central, encarregado pela transferência da renda gerada pelo setor agropecuário para o financiamento de projetos obstinados em fortalecer a indústria, bem como de regular a distribuição de divisas, priorizando claramente a atividade industrial; estimulou a ampliação de ramos industriais mais elaborados, como o metalúrgico e o de bens duráveis; além disso, fortaleceu o poder de compra dos trabalhadores, mediante elevações constantes do salário mínimo, oferta de crédito barato, congelamento de aluguéis e estabelecimento de preços máximos para certos produtos.

Completando sua concepção de independência econômica assegurada pela participação ativa do Estado na promoção da indústria, nacionalizou uma série de empresas, especialmente nos setores de transporte (ferrovias e bondes) e bancário, anteriormente controlados por empresas britânicas. A aquisição dessas empresas pelo Estado adquiriu enorme importância simbólica, e fortalecia a retórica nacionalista do peronismo. Nesse sentido, por meio da nacionalização e da redistribuição de renda, Perón definia e fustigava o maior inimigo retórico do seu regime, que havia triunfado durante a década infame, e que se configurava a partir daquilo que era o inverso em relação a essas duas políticas que adotara: emergia no discurso peronista uma fantasmagórica e conspiratória *oligarquia vendepatria*.

No âmbito da política social, continuou estimulando as mobilizações sociais dos trabalhadores – desde que não se opusessem à Perón – e a participação sindical, que se fortaleceu e elevou espetacularmente o número de filiações ao longo de seu primeiro mandato. Patrocinou cerimônias públicas e festas cívicas nos seguidos 1º de maio que pôde celebrar na condição de presidente, e recebeu a contribuição fundamental no fortalecimento da popularidade do regime através dos trabalhos de sua esposa, Maria Eva Duarte de Perón, que, dirigindo uma fundação – que carregava o seu nome – financiada com recursos públicos e doações, empreendeu uma gigantesca obra de assistência social em benefício daqueles que viviam em situações muito precárias. Além disso, com a promulgação da constituição de 1949, Perón instituiu o voto feminino.

O crescimento da economia argentina entre 1946 e 1949 foi formidável, contudo, a partir deste último ano iniciou-se um processo de estagnação que, posteriormente em seu segundo mandato (1952-1955), se converteu em retração. Destarte, conforme sinalizou Romero (2006), na medida em que o crescimento se arrefecia, Perón empenhou-se em estender sua liderança e seu controle sobre todas as instituições políticas e sociais; em outras palavras, empreendeu um processo de “peronização” da sociedade argentina. Para tanto, utilizou o aparato estatal, cada vez mais confundido com a própria personalidade e a de sua esposa, para uniformizar e controlar os vários

setores da sociedade. Nas comunicações, expropriou os jornais independentes *La Prensa* e *La Nueva Provincia*; restringiu à cota de papel a outros opositores; formou uma rede de jornais e rádios do Estado. No âmbito da política, perseguiu e mandou prender opositores do governo; estabeleceu uma estrutura burocrática altamente vertical no comando do Partido Peronista; – partido fundado por Perón após a vitória em 1946, antes da qual manteve-se filiado ao Partido Trabalhista – na Confederação Geral do Trabalho (CGT), sua principal base de apoio sindical e até mesmo no Exército, outra grande base de apoio, mediante o estabelecimento de cursos sobre Doutrina Justicialista e de promoções segundo critérios estritamente políticos. Na Educação, - impulsionada com a construção de diversas escolas de ensino básico, técnico e superior - difundiu obras de Eva Perón como leitura obrigatória para os alunos, organizou a União dos Estudantes Secundaristas e entrevistou frequentemente na direção das universidades.

Com toda essa rede de influência montada, o processo de “peronização” estendeu-se também ao esporte, sobretudo o futebol, que se converteu numa nova atividade social a ser explorada pelo discurso peronista; em parte espontaneamente, como resultado da consolidação de um imaginário poderoso que, segundo Alabarces (2007) dotou o esporte mais popular do país de condições simbólicas para representar a nação através de um jogo de analogia conceitual, próprio da doutrina peronista, que identificava a massa fragmentada com um povo, organizado, e este, com a nação. De acordo com o autor, o cinema argentino da época foi a principal expressão dessa mentalidade, onde o futebol ganhou muita visibilidade; por outro lado, a identificação entre povo, futebol e nação também foi explorada objetivamente pelo Estado em pelo menos três oportunidades: no financiamento para construção de instalações esportivas e estádios, que além de fortalecer vários clubes de futebol impunha a marca pessoal do regime no esporte mais popular do país, fato que ficou evidente pelo batismo do estádio do Racing com o nome de estádio “Juan Domingo Perón”; pelo fomento e organização do futebol infantil através da instituição em 1948 dos “*Campeonatos Infantiles Evita*”, concebidos não só como indício de uma acentuação da sensibilidade do Estado para com seu papel no desenvolvimento de amplas políticas esportivas, mas também como uma ferramenta muito propícia para estabelecer um imaginário consensual entre crianças e adolescentes de todo país, através de uma identificação sentimental comum, reforçada pela presença constante de Perón e Evita nas partidas mais importantes, distribuindo fotos, sorrisos e orientações; por último, e talvez mais importante do ponto de vista simbólico, foi a instituição em 14 de maio de 1953 do Dia do Futebolista Argentino, para celebrar o que Bayer (2016) classificou como a superação do complexo de inferioridade argentino em relação aos ingleses, após uma vitória de 3 a 1 em um amistoso contra os britânicos.

Outro fato curioso ocorrido no campo esportivo durante a presidência de Perón foi a abstenção da seleção argentina na disputa dos principais campeonatos internacionais, como a Copa do Mundo de 1950 no Brasil. Em contrapartida, entre 1951 e 1953, foram organizadas uma série de partidas “amistosas” contra a seleção inglesa, em uma das quais Bayer (2016) destacou um depoimento de Mario Boyé, que defendeu a seleção argentina naquela oportunidade e segundo o qual a realização dessa partida havia sido promovida pela iniciativa pessoal de Perón.

Apesar da grande popularidade adquirida, a sustentação política de Perón foi se enfraquecendo à medida em que a crise econômica e a concentração de poder cresciam.



Enquanto sindicalistas dividiam-se em relação ao apoio ao presidente, o Exército e a Igreja, assustados com a identificação excessiva de Perón com a massa, sinalizavam cada vez mais a intenção de romper com o peronismo. O rompimento definitivo da Igreja começou com a fundação do Partido Democrata Cristão; já o do Exército, terminou com a conclusão de um golpe militar, liderado pelo general Lonardi, que em 23 de setembro de 1955 já se apresentava como o novo presidente da República Argentina.

Exilado durante dezoito anos, Perón retorna ao seu país para ocupar novamente a presidência da Argentina em 1973, embora viesse a falecer no ano seguinte. Entretanto, tornou-se uma força poderosa no imaginário político-popular argentino, cristalizando formas de governo e ideias parcialmente reminiscentes de algumas demandas sociais originadas no século XIX: integração e ascensão social, consubstanciados na doutrina do *justicialismo*; a construção de uma identidade nacional forjada na negação de modelos estrangeiros; e, por último, a consolidação de uma concepção de Estado personalista, previdente, familiar - literalmente representado pelo casal Perón - e sensível, que governa muito mais em função da ação e comunicação direta com o povo, do que através dos abstratos mecanismos republicanos da democracia representativa.

### **2.3 A Argentina de Maradona: um nacionalismo plebeu num mundo globalizado e neoliberal**

A consagração do mito de Maradona, cuja saga havia sido iniciada já na década de 1970, mediante suas primeiras aparições públicas em estádios na Argentina enquanto ainda era muito jovem, chegou ao seu clímax no ano de 1986, a partir do qual, todas as suas atuações e declarações, anteriores e posteriores, encadearam-se numa verdadeira narrativa patriótica do futebol argentino.

A narrativa patriótica do futebol argentino não era nova em si, como fora sublinhado anteriormente nas experiências das décadas de 1920 e 1950, entretanto, com o sucesso espetacular conquistado pela seleção nacional no mundial de 1986, adquiriu proporções colossais, através do brilhantismo de seu “líder”; um símbolo com uma dimensão avassaladoramente histórica e política, e talvez, por isso mesmo, previsível.

Nesse sentido, compartilho das hipóteses de Alabarces (2007), às quais apontam para a existência de três condições fundamentais para a consolidação do mito maradoniano, dentro de um marco temporal que abarca os principais capítulos desta saga nas décadas de 1970, 1980 e 1990.

Em primeiro lugar, por que Maradona? Por que não Valdano, autor de um dos gols da final, ou Ruggeri, zagueiro extremante conceituado pela crítica esportiva? Certamente, parte dessa resposta tem a ver com o seu segundo gol marcado contra os ingleses na fase de quartas de final, eleito por muitos como o mais bonito de todas as copas. Entretanto, a explicação vai mais além. Maradona é a encarnação genuína da continuidade do relato épico do *fútbol criollo*, e ao mesmo tempo, do imaginário de ascensão social codificado pela sociedade argentina desde o século XIX. Sua trajetória pessoal de vida reflete de maneira até certo ponto dramática essa relação. Nascido em

uma *villa de emergencia*<sup>33</sup>, *Villa Fiorito*, sua infância foi marcada pela pobreza e pela exclusão social, configurando o ambiente ideal, segundo a narrativa hegemônica do futebol argentino, para a fabricação do craque que encarna o *estilo criollo*, que, apartado da assistência estatal, desenvolve seu futebol “libertário” no *potrero*, e, obrigado a “improvisar” para sobreviver desde cedo, converte-se num *pibe*, sinônimo de rebeldia e irreverência. De fato, essas características “pessoais” foram materializadas desde suas primeiras apresentações como jogador juvenil e profissional da A.A. Argentinos Juniors e da seleção nacional. Em seguida, Maradona completa outro passo necessário ao seu enquadramento na narrativa nacional-popular: sua ascensão. Uma transferência concreta: Maradona sai de Fiorito para morar em uma região central da cidade de Buenos Aires, e depois, em Barcelona, Nápolis e Sevilha; simultaneamente, um descolamento simbólico: de um clube médio como os Argentinos Juniors para o mais popular do país, Boca Juniors, e depois rumo ao futebol europeu. Tudo isso sem jamais esconder suas origens. A parte final da saga se encerra a partir de 1991 com a decadência do ídolo, explicada por ele – e aceita por boa parte de seus aficionados – como o resultado de um suposto complô conspiratório global que reuniu várias autoridades poderosas: a CIA e o ex-presidente estadunidense George H. W. Bush; o ex-presidente argentino Carlos Menem; dirigentes do Nápoli; a FIFA e as polícias italiana e argentina – Maradona chegou a ser preso e internado por consumo de cocaína. Embora seja impossível de se comprovar – e provavelmente de aceitar – seu argumento repousava numa convicção sólida do imaginário nacional-popular argentino: a de que os poderosos jamais aceitarão o sucesso dos humildes e farão de tudo para persegui-los, tal como ocorreu com *El Gaucho Martín Fierro*.

Contudo, para que essa narrativa triunfasse e o imaginário nacional-popular fosse revitalizado através do futebol, foi necessária a confluência de um contexto histórico específico: a desestabilização total da sociedade argentina. Tal processo ocorreu em múltiplas dimensões: política, econômica, social e simbólica. O conjunto da cidadania atravessou um período de verdadeiro caos entre 1974 e 1982. Perón havia morrido em 1974, em seu segundo ano de seu terceiro mandato presidencial, depois de finalmente ter retornado à Argentina após dezoito anos em exílio; dois anos mais tarde, as Forças Armadas depuseram Isabelita Perón – segunda esposa do falecido ex-presidente – e ocuparam o governo até 1983, configurando um regime político ancorado em três dimensões: matar e perseguir adversários políticos – e até mesmo pessoas que apenas pensavam diferente –, desmobilizar e silenciar a sociedade civil e seus canais de representação e liberalizar a economia. A receita foi seguida rigorosamente nesses oito anos, e seus resultados foram rigorosamente catastróficos. Milhares de mortos e desaparecidos provocaram a autocensura e a desmobilização já anunciadas, enquanto o programa liberal do ministro da economia Martínez de Hoz, empenhado em controlar a inflação e a equilibrar as finanças públicas, privatizou várias empresas estatais; estabeleceu a paridade cambial; congelou e reduziu salários e aposentadorias; demitiu uma série de funcionários públicos; descentralizou e desregulamentou o sistema bancário; estimulou uma captação importante de investimentos estrangeiros e extinguiu inúmeras tarifas e subsídios destinados à proteção do mercado interno. O resultado final: uma dívida externa impagável; recordes em concentração econômica e

---

<sup>33</sup> Uma *villa*, para o repertório cultural da sociedade argentina, designa um bairro marcado pela pobreza aguda e pela violência, equivalente à uma favela.

desemprego; hiperinflação; elevação da taxa de juros e internacionalização brutal da economia. Para coroar o fracasso, o presidente Galtieri apelou á uma cruzada nacionalista com o objetivo de obter credibilidade para o governo, e então iniciou conflitos diplomáticos contra o Chile e uma guerra contra a Inglaterra em 1982 pela posse das Ilhas Malvinas. Embora essa reivindicação tenha adquirido grande popularidade na Argentina, como observou Romero (2006), devido às óbvias rivalidades políticas históricas entre os dois países – desde o século XIX - a derrota retumbante nesse conflito agravou ainda mais a ilegitimidade do regime. Superada a etapa ditatorial, a democracia ressurgiu envolvida de grandes expectativas. Com a eleição de Alfonsín em 1983, as aspirações por justiça, direitos humanos e participação política multiplicaram-se no debate público. De início, Alfonsín priorizou-as, fomentando mecanismos de distribuição de renda, fortalecendo as práticas republicanas e coordenando uma série de processos contra os militares envolvidos na repressão. Lamentavelmente, não demorou muito e Alfonsín recuou em todas elas em benefício da consolidação institucional, ameaçada pelas pressões corporativas – sobretudo militares e financeiras. Seu sucessor a partir de 1989, Carlos Menem, peronista em teoria e liberal-conservador na prática, aprofundou a cartilha econômica iniciada em 1976. Era o fim da ilusão democrática.

Por fim, a última condição para a consagração do mito: o êxito esportivo. Mas não um êxito comum; para engendrar uma façanha heroica, Maradona não podia ser apenas o protagonista, precisava “ganhar a copa sozinho”, o que é definitivamente impossível em um esporte coletivo. Mas em 22 de junho de 1986, na vitória de 2 a 1 sobre a Inglaterra, o histórico da partida pareceu transformá-la numa daquelas raríssimas ocasiões ao longo da história do futebol em que um só jogador pôde determinar completamente todo o seu enredo. Entretanto, isso só foi possível graças a um dado que excedia a participação de Maradona e de qualquer outro indivíduo: o duelo era contra a Inglaterra, a eterna e tradicional inimiga na política, na economia e no futebol. Naquele momento, a Inglaterra despertava um sentido profundo de anti-imperialismo consolidado com o final trágico da Guerra das Malvinas, que de certa forma atualizava um arraigado nacionalismo anti-inglês alimentado por uma hostilidade que remontava às invasões de 1806 e de 1807, passava pela assinatura do tratado de Roca-Runciman em 1933 e já se estendia ao futebol desde a suspeita derrota para os ingleses no mundial de 1966. Portanto, a vitória da seleção argentina e a conseqüente eliminação dos ingleses traduziu para muitos torcedores argentinos um sentimento de revanche, pelo menos a única possível. E o responsável por essa “vingança” foi indubitavelmente Maradona, anotando os dois gols argentinos da partida. O primeiro, tecnicamente ilegal, mas para a massa aficionada da alvi-celeste, nem um pouco imoral, sobretudo diante da seleção (pátria) inimiga. Foi com a mão, representando o ápice da picardia e da rebeldia esperada de um *pibe*, o que alarmou completamente os jogadores ingleses, inconformados com a validação do gol. Questionado por um jornalista sobre o gol, Maradona qualificou-o como *la mano de Dios*, sem nenhum indício de arrependimento, afinal, nada mais legítimo que a justiça divina para retribuir anos de pirataria britânica com um gol que infringe as regras do esporte que eles mesmos criaram. Já o segundo gol convertido por Maradona foi simplesmente inquestionável. Partindo de trás do meio de campo, conduziu a bola em uma arrancada sensacional até chegar literalmente ao gol, passando por cinco ingleses no meio do caminho – inclusive o goleiro. Outra vez, era um gol tipicamente *criollo*, por sua genialidade, individualidade, e pela *gambeta* que

os ingleses “rígidos” não podem copiar. Certamente, o campeonato de 1986 foi o único na história dos mundiais cuja exibição mais celebrada da campanha da seleção campeã não foi a partida final, vencida por 3 a 2 contra a Alemanha ocidental, e sem gols de Maradona.

Em 1990, na copa da Itália, Maradona esteve perto de reproduzir uma façanha comparável, entretanto, a Argentina foi derrotada na final pela seleção alemã. Sua genialidade em particular foi bem menor, em que pese o fervor patriótico demonstrado frente às câmeras de televisão durante a celebração do hino nacional antes das partidas finais<sup>34</sup>. A partir daí, seu desempenho futebolístico foi piorando cada vez mais à medida que transferia sua atenção para fora do campo. Suspenso pela FIFA em 1991 e em 1995, Maradona se aprofundou no consumo de drogas e encerrou seu ciclo na seleção ainda em 1994. Pôde encerrar sua carreira no seu clube de coração, o Boca Juniors, onde jogou até 2001, mas sem jamais repetir as exuberantes exibições pela seleção argentina e pelo Nápoli.

Muita coisa aconteceu de 2001 até aqui, e, se é possível afirmar que para muitos, Maradona converteu-se numa figura puramente midiática, caricaturesca, carnavalesca, submetida às interpelações mercadológicas e passível de se apropriar por qualquer narrativa ideológica, o certo é que, ao mesmo tempo, Diego ainda permeia o imaginário popular argentino, onde seu rosto e seu legado simbólico-futebolístico se faz presente em estádios – o estádio da A.A. Argentinos Juniors é batizado com seu nome –, bandeiras, estátuas, camisas, na oralidade e até mesmo numa igreja em Rosário criada em sua homenagem. Em suma, num contexto mundial e local de desintegração de grandes coletivos sociais e pulverização de identidades – provocado pelo desemprego estrutural, pelo crescimento do setor de trabalhadores autônomos, pelo desmantelamento do Estado e dos serviços públicos, pelo esvaziamento de sindicatos, pela globalização econômica e dos meios de comunicação e pelos grandes fluxos migratórios –, Maradona, ao menos no caso argentino, parece encarnar a sobrevivência de um último símbolo nacional ainda ativo e através do qual é possível manter, mesmo parcialmente, um resquício de um repertório identitário gestado na modernidade.

---

<sup>34</sup> Maradona foi flagrado entoando um ostensivo *hijos de puta* direcionado a torcedores italianos que hostilizavam o hino argentino durante sua execução na partida final em Roma. Ver em ALABARCES (2007): Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina, p. 144.

### CAPÍTULO 3

## REPRESENTAÇÕES DE MARADONA E DO FUTEBOL ARGENTINO NO SÉCULO XXI: HISTÓRIA ORAL E ANÁLISE ICONOGRÁFICA.

“¿Maradona!? A ver cómo te digo: la piel gallina. Para mi es un Dios. Desde ya lamento que no lo vi jugar, pero por lo que me contaron y por lo que vi en video...”

Nesta etapa final da análise, cada narrativa estará disposta no início de cada um dos subcapítulos, seguidas das imagens correspondentes aos bairros onde foram recolhidas.

Infelizmente, reconheceu-se a necessidade de limitar o número das narrações a serem reproduzidas neste trabalho, incorporando a transcrição – e a *transcrição* – de apenas três delas – uma para cada bairro - dentro de um universo de sete produzidas. Os critérios dessa exclusão derivam do compromisso de harmonizar a pesquisa e a reflexão intelectual com um volume textual mais adequado a um trabalho de graduação. Para tanto, se impôs a necessidade de se estabelecer também um critério de seleção, que, neste caso, se justifica especificamente pelo nível de envolvimento e entusiasmo observados no comportamento daqueles cujas entrevistas foram incorporadas ao trabalho, sem pretender desqualificar em hipótese alguma as narrativas cedidas pelos outros colaboradores. Pelo contrário, o conteúdo analisado nessas falas que não foram contempladas no presente trabalho reforçam de algum modo as conclusões mais gerais da pesquisa.

Na reprodução das entrevistas, suprimiram-se as perguntas do texto de acordo com os critérios estabelecidos por Meihy e Ribeiro (2001). Entretanto, a fim de antecipar a ordem dos assuntos discutidos, destaca-se que as perguntas englobaram: dados pessoais; informações socioeconômicas; questões mais genéricas sobre a relação pessoal de cada colaborador com o futebol e com a seleção argentina; explicações sobre a respectiva imagem de Maradona analisada neste trabalho correspondente ao bairro de cada entrevistado; uma avaliação pessoal sobre Maradona e sobre a partida contra a Inglaterra em 1986; por fim, uma reflexão sobre valores, personalidades e sentimentos associados à pátria conforme a identificação pessoal com o país construída por cada um.

Evidentemente, cada uma das narrativas se desenvolveu de maneira singular na condução das entrevistas em geral, entre as quais se constatou um desdobramento maior em uma ou outra indagação, depreendendo-se a partir daí dados qualitativos para a construção da análise. Vale destacar também que optou-se por ocultar os nomes dos colaboradores, a fim de evitar maiores exposições que possam ser inconvenientes. Ademais, todas as narrativas foram processadas em julho de 2019.

Já as figuras incorporadas ao texto consistem em uma pintura, uma estátua e uma composição conjunta de uma escultura e outra pintura, que foram analisadas estritamente sob os critérios da contextualização social da produção iconográfica aludidos por Burke (2016), bem como pela semiologia e pelo sistema mitológico de comunicação explorados por Barthes (2003). Em que pese o fato de estarem anexadas ao trabalho sob o formato de fotografia, serão dispensadas maiores ilações teóricas sobre análise fotográfica.

Ademais, na sequência das narrativas e imagens distribuídas conforme o subcapítulo, serão acomodadas as análises dessas fontes bem como as observações pertinentes em relação ao bairro ao qual cada uma delas se mantém vinculada.

### 3.1 Conhecendo La Paternal: Maradona e o bairro

¡Mira! Soy periodista deportivo, entre otras actividades, porque desde que nosotros recuperamos esta vivienda, el museo de Diego, han venido más de veinte o treinta países tomar nota del caso de su recuperación en la primera casa propia de Maradona y su familia en la ciudad de Buenos Aires, y... en gran parte me siento curador del museo, y historiador; ¡es un poquito como los jugadores que juegan en varias posiciones! Tengo treinta cinco años; yo nací en 1984 cuando Maradona llega a Nápoles, pero eso es un dato menor.

Mira, este barrio donde estamos parados, es Villa del Parque, pero Paternal por adopción – vámonos cruzando la calle. Yo me crié en Villa Del Parque, pero también en Paternal donde vivían mis abuelos. Mi abuela, la madre de mi padre, vivió casi toda su vida en la misma cuadra donde vivían – y viven actualmente – las hermanas de Maradona, que tuvieron un arraigo muy fuerte en el barrio y nunca se fueron. Tiene cinco hermanas mujeres, las cuales tres viven en el barrio y yo he me criado – una “crianza” como dicen ustedes – en las mismas calles en el barrio. Son vecinas y amigas, han venido en el museo, están muy contentas, y tenemos un trato permanente y siempre están a disposición de lo que necesitamos.

Este es un barrio que está tal cual cuando vivía Diego. Eso es lo lindo también, en el sentido de que vienen extranjeros de todas partes del mundo conocer el museo: el lugar donde vivió Diego, ¡y se sorprenden!, por la tranquilidad del barrio. Es un barrio de clase media trabajadora y una zona muy textil; hay fábricas, inclusive esta casa funcionó como una fábrica de carteras luego que Diego ha abandonado la vivienda hasta que la recuperamos por nosotros. Por esto que decía que es un barrio tranquilo, con vecinos que son inmigrantes italianos y españoles que se han afincado en esta zona, y bueno, es solo un poquito de lo que es el barrio.

Soy hincha – y además socio – desde que nací de la Asociación Atlética Argentinos Juniors. ¡El club de Diego! El fútbol es como... ¡yo nací con la pelota abajo del brazo!, y ahora que tengo mis hijas, yo por un lado quiero que sean futbolistas – no tuve niños varones. El fútbol es algo que nació con migo porque son cosas que te traspasa, ¿no? Pasan de generación en generación. Por ejemplo, mi tío era quien me llevaba a los estadios desde chico, entonces... uno cuando es chico y ve eso es... ¡majestuoso! También jugué en el club del cual soy hincha en las divisiones inferiores, y además desde pequeño en un club de Papi Fútbol<sup>35</sup>, del fútbol de cinco, en la fábrica más grande del fútbol infantil, que es Club Social y Deportivo Parque, que está pocas cuadras de aquí. Para que se tenga una idea, ¡hasta Maradona jugó en el Club Parque!, porque tenía una deuda pendiente de que no había salido campeón de futsal. Y en una oportunidad que tuvo Diego, vino a jugar una final de fútbol sala; los rivales no lo esperaban, pero allí estaban listos a buena fe, y a él se dio el gusto de salir campeón con el club. Yo tenía ocho años y se corrió en el estadio – un estadio pequeño – la no noticia de que

<sup>35</sup> *Papi fútbol* é uma espécie de futebol de salão.

Maradona estaba ahí, ¡y eso lo vi!, eso lo vi con mis propios ojos, lo vi a Diego jugar en el Club Parque. Y de allá han salido jugadores como Cambiasso; Carlos Tevez; Riquelme, que es uno de nuestros números diez y que también salió del nuestro club Argentinos Juniors. Esto es un poco también la casa y lo que hace. Es potencial que se conozca el barrio, el barrio de que era Diego vecino y también lo que es el semillero del mundo: la Asociación Atlética Argentinos Juniors. Nosotros queremos declarar a Diego un vecino ilustre del barrio de La Paternal y a La Paternal el barrio capital mundial del fútbol. Esto es una premisa... un proyecto que este año lo... lo vamos a tratar en el parlamento para que salga una declaración.

El fútbol argentino es muy rico. En los inicios se da un poco cuando se independizó un poquito de lo que era el fútbol; el propio fútbol es de origen inglés ¿no? Venían los ingleses, los ferrocarriles, pero después cuando ya empezó a crecer y afincarse inmigrantes se llamaba un poquito ¡gastar la nuestra!, ¡y ser argentino!<sup>36</sup> Los jugadores argentinos tienen algo que es innato. No sé, pero muchos dicen, por ejemplo, sobre la zona de Rosario, del litoral argentino... no sé si es la alimentación, no me preguntes qué en el campo, pero estamos hablando de jugadores como Batistuta, Messi, y Mascherano. Pero hay distintas zonas del país donde se plantan algo y ya hay un jugador. Acá Diego fue algo que... realmente, yo creo que se hubiera una política deportiva, no solamente con el fútbol, con otros deportes también, más fuerte como en otros países, yo creo que hubiera más Messi's, más Maradona's; sería de otra manera porque muchos talentos que tuvo se pierden. ¡Y Diego fue en la verdad un milagro!, porque nació en una villa en emergencia. Los padres venían de Corrientes que es en el litoral y vinieron para Buenos Aires y se afincaron en una favela, como se llama en Brasil.

Aparte, esperemos que no haya más corrupción en el fútbol, ¡el deporte más sano del mundo!, y además tengo entrecomillado: Diego siempre fue contra el sistema de la FIFA. No es ahora, siempre fue. Ya otros jugadores no; fueron del lado del poder y... yo creo que en noventa y cuatro les hicieron pagar un poco eso, ¿no? Y hasta me pareció que Grandona fue un poco cómplice en este sentido. Porque tenía que haber retirado el equipo. La verdad es que era todo parecía como que hecho a propósito en algún punto.<sup>37</sup>

Mira, la imagen que me mostró es la imagen de un orgullo. Orgullo de un barrio. Como algunos de los murales que vos a la vista alrededor del estadio. Orgullo de un barrio y orgullo de un país también. Para nosotros como socios, vecinos e hinchas del Argentinos Juniors es una caricia al alma. Imagínate que las hermanas caminan por esa vereda; ven al hermano, dejando un profundo... profundo orgullo. Están muy contentos, y aparte son, tanto la escultura como el mural, de una financiación privada. Acá no participó el Estado, como el museo.

Respecto de 1986, bueno, yo tenía dos años y medio, pero cada vez que... desde el primer día que lo vi, y pasa a los visitantes cuando yo coloco en las pantallas... lo puedes ver un en mil veces que no puedes creer que el hombre, este monstruo del fútbol como es

<sup>36</sup> Este relato demonstra uma coerência impressionante com a narrativa da nacionalização do futebol argentino construída nos anos 1920.

<sup>37</sup> Aqui uma referência ao desfecho de Maradona no mundial de 1994, quando foi suspenso após o exame antidoping ter constatado a presença de endorfina em seu sangue. Além disso, reforça a interpretação já mencionada segundo a qual a exclusão de Maradona resultou de uma perseguição conduzida pela FIFA.

Diego, primer has hecho un gol con la mano. Bueno, él decía que robó la cartera al rey; estaba muy cercano de la guerra de las Malvinas, también eso lo hizo más épico. Pero él habría dicho o pensado en este momento: bueno, si este gol no valle, no lo vio el árbitro, lo cobró, y por las dudas salgó. El que vino después es que, no dejó margen a duda y fue el mejor gol en la historia de los mundiales, ¿no? ¡Perfecto!

Para nosotros Diego es muy importante, ¡trascendental! Yo creo que Diego es un mito viviente, en día de mañana vas a ser el Gardel; ya es Gardel en vida. Pero Diego uno no se imagina, no tiene estabilidad. Ya pasó tantas vidas. ¿Él vivió la vida de una persona normal? No. Vivió lo que vos vivís en diez minutos, por ahí, o una hora, quise yo lo que salir, la exposición, la fama... es increíble. Diego es un icono mundial, es argentino; nosotros estamos orgullosos. Diego fue un artista, es lo que me parece, y hay gente que no sabe diferenciar. Diego - acá vos vas a ver en la casa - es todo; ¡Diego fue un artista en su vida privada! Todos pecamos, nadie tiene la verdad. Él arriba es que tiene que juzgar, Dios. Pero yo digo el ejemplo de la película del Padrino, la saga del Padrino que vos debes haber visto: ¿eh quien sabía si el director se drogaba... si era violento con la familia? No, vos disfrutaste de la obra que fue la película. Y con Diego se pasa lo mismo.

Y bueno, la Argentina es un país de buena gente, honrado y en un momento en la época de Perón que debes a ver que lo fue el ganadero del mundo<sup>38</sup>. Acá venían, querían invertir en la tierra, que es muy fértil acá en Argentina, pero hay veces que el problema es el argentino mismo, porque a veces no sabe valorar ciertas cosas - no generalizo - y también invade un poco quizá el tema político, digamos, el descreimiento que hay por la clase política en general. La nación se representa con Diego Armando Maradona, sin dudas. Es fácil; pasa a cualquier aeropuerto, es lo primero que te preguntan así que ven en el pasaporte que eres argentino y dicen instantáneamente la palabra: Maradona. En un momento fue hasta más conocido que el Papa, y en Nápoles es más venerado que el santo, que es San Genaro. Diego es algo que es inexplicable. Él no volvió a esta casa, lo estamos esperando y en algún momento él va a venir.

---

<sup>38</sup> O curioso nessa afirmação é que, conforme já foi destacado no capítulo anterior seguindo as considerações de Romero (2006), o governo peronista de 1945-1955, embora tenha se beneficiado com o acúmulo de reservas internacionais provenientes dos saldos positivos do setor agroexportador no período que antecede a chegada de Perón à presidência, se caracterizou justamente pelo inverso: pelo desestímulo as atividades econômicas tradicionais mediante a transferência de renda do setor agropecuário para o industrial. Entretanto, evidencia-se que a memória positiva sobre o período peronista persiste nesse relato.



**Figura 1:** Dois Maradonas: um nacional e outro do bairro



Fonte: Disponível em < <https://www.puraciudad.com.ar/instalan-una-estatua-y-un-mural-de-diego-maradona-en-la-paternal/>>. Acesso em 21/março/2019.

Em relação à narrativa transformada em texto escrito, alguns pontos merecem destaque especial, como por exemplo, a onipresença de Maradona na narração. Em que pese sua condição de ser um dos principais assuntos da entrevista, seu nome é invocado até mesmo durante a dissertação sobre os dados mais estritamente pessoais da vida do colaborador. Seu ano de nascimento e sua infância; a infância de seus avós; as ruas, os clubes e as quadras do bairro; até mesmo os bairros vizinhos. Maradona esteve vinculado às experiências mais íntimas da vida do entrevistado em questão.

Sua memória sobre o seu passado, do bairro e de seu país é condicionada por sua experiência presente, atravessada pela atividade que exerce como curador do museu de Maradona – La casa de Dios – mas também pela interpretação que imprime a essa experiência a partir de como narra todas as dimensões de sua vida em sua constante interação com várias pessoas de toda parte da Argentina e do mundo.

Nesse sentido, depreende-se que suas aspirações ecoam de maneira geral, e com maior dramaticidade, certas demandas inerentes ao conjunto da população que reside no bairro e em suas imediações, ou pelo menos do conjunto que se afirma muito aficionado por futebol, o que, se tratando de Argentina, deve incluir uma grande quantidade de pessoas. Diante de um processo de tribalização das identidades futebolísticas na Argentina do século XXI, tal qual anunciado por Alabarces (2007), os torcedores de futebol nesse país voltam-se cada vez mais para o interior de seus bairros, e conseqüentemente, para seus clubes, cada vez mais preponderantes na construção de suas identidades sociais e futebolísticas. O grande paradoxo é que, no caso dos Argentinos Juniors, e dos bairros que compõe seu núcleo orgânico de torcedores – La Paternal, Villa del Parque e Villa General Mitre – a figura de Maradona apresenta-se como um eixo simbólico muito eficaz em torno do qual se é possível estabelecer uma identidade de “bairro” ou que deveria ser puramente “clubística”. E isso se deve não só ao fato do melhor jogador da história do futebol argentino - e um dos melhores do futebol mundial – ter sido revelado para o mundo ali, no clube do bairro, onde também morou por algum tempo

e conquistou sua primeira casa própria, mas se deve também à notória ausência de resultados esportivos significativos por parte dos Argentinos Juniors nos últimos tempos, que ocorre paralelamente ao crescimento notável dos outros principais clubes da cidade, Boca Juniors, River Plate e San Lorenzo, que por sua vez conquistou a primeira copa libertadores de sua história nessa década. Entre seu último título intercontinental em 1989 e seu último título nacional, em 2010, o clube de La Paternal vislumbrou um grande vácuo de conquistas. Além disso, colecionou alguns rebaixamentos muito recentes, fato que consiste numa grande humilhação, especialmente para torcedores sul-americanos.

Dito isso, não à toa o clube possui uma identificação muito forte como o *semillero del mundo*, a famosa fábrica de craques do futebol argentino, conferindo um papel hegemônico aos ídolos na constituição das glórias e da tradição do clube. E isso se verifica tanto na quantidade incalculável de artes visuais representando Maradona nas imediações do estádio dos Argentinos Juniors e no interior do próprio bairro, como na pressão imposta pela Junta de Estudios Históricos para que a câmara de Buenos Aires declare oficialmente La Paternal como a capital mundial do futebol.

Em suma, na ânsia de se projetar nacionalmente - e até mesmo internacionalmente - como parte de um resultado imediato do processo de tribalização já mencionado, no qual as afirmações identitárias tendem a se exasperar, Argentinos Juniors e a “região metropolitana de La Paternal” promovem uma espécie de simbiose total com a figura de Maradona. É o que se depreende também a partir da análise da pintura mural e da escultura em conjunto. Caso fossem examinadas individualmente, provavelmente suscitariam interpretações distintas. Entretanto, é justamente a conjugação dessas obras, uma ao lado da outra, que permite sustentar a análise já iniciada. Empregando as análises estruturalistas e que também consideram a contextualização social observadas por Barthes (2003), cumpre refletir sobre uma sistema de relações internas estabelecidos entre as obras, cujas presenças paralelas de dois imensos - não só fisicamente - Maradonas reforçam a “teoria da simbiose” mencionada anteriormente. Desse modo, embora o processo de confecção das obras tenha sido completamente diferente, com materiais diferentes, e esteja representando Maradonas com uniformes diferentes - a estátua lhe representa atuando pela seleção argentina e a pintura pelos Argentinos Juniors - suas performances são muito parecidas - Maradona conduzindo a bola com o pé esquerdo. Além disso, se a diferença de tamanho entre as duas obras - a pintura é três vezes maior que a estátua - pode gerar algum desequilíbrio na apreciação de seus significados, a pigmentação dourada atribuída à escultura confere a ela um sentido de imponência que compensa de certa forma a diferença de altura.

Nesse sentido, tais performances provocam uma possível aproximação entre identidades diferentes: uma argentina e outra do bairro. Portanto, ao apropriar-se poderosamente do símbolo de Maradona para projetar a identidade do clube e do bairro - que necessita ser reconhecida pelo *outro* -, os habitantes deste lugar, ou pelo menos o colaborador em questão e aqueles que se sensibilizam afetivamente com essas duas imagens, reforçam suas “micro-identidades” à medida que reconhecem e valorizam sua condição de argentinos, através de Maradona, principal futebolista da história do país. E essa interpretação repousa também no conteúdo da narrativa do colaborador, que, apesar de enfatizar constantemente seu pertencimento ao bairro, não escondeu seu orgulho de se definir com argentino.

### **3.2 Conhecendo Barracas: um projeto de inclusão social**

Soy director técnico de boxeo del Club Sportivo Pereyra, de Barracas. Tengo cincuenta y cinco años, tres hijos y estoy separado. Mi deporte favorito es el boxeo y

soy hincha del Independiente de Avellaneda. No soy originario del barrio, yo me crié en una villa de emergencia; el barrio Martin Guemes, hoy Villa 31.

La condición, bueno, acá en este club hay mucho fútbol y es un tema muy eufórico. Se sigue mucho y sobre todo cuando hay rivalidad entre Brasil y Argentina, porque este es un clásico que queremos ganarlo siempre. Así que, bien, se practica mucho fútbol acá en el barrio. Pero sobre todo se está combatiendo la droga. El presidente actual mandó mucha gente y mucha policía a la calle, hay más vigilancia, pero eso siempre está un poco más, un poco menos, y yo trato de traer los chicos que están en la calle y en la esquina, o que vienen de la villa con problemas y los traemos al gimnasio. Más allá de que sean boxeadores, eso no. Yo me crié en una villa de emergencia y he pasado necesidades y sé lo que es no tener a veces, entonces cuando yo tengo, ayudo. No porque me sobre sino porque comprendo la gente necesitada. Así que se puede vivir económicamente, no es muy difícil; hay más que proponerse en trabajar, cuidar del trabajo, y ser unidos más que nada, para compartir las necesidades y salir adelante por supuesto. Es así la situación. Hay necesidades como en todo lado, hay robos, hay droga, y ya se está luchando y se está tratando de hacer bien las cosas.

Me interesé por el fútbol desde chiquito, cuando me empecé a llegar en la cancha a ver a Independiente. Y bueno, me gustó del momento que vi Ricardo Bochini<sup>39</sup>. Siempre me gustó, porque después que hicimos buenas campañas, ganamos muchos campeonatos, sobre todo internacionales. Así que siempre me gustó, sobre todo el club de Independiente.

El fútbol argentino es importante porque de acá de Argentina y de toda Sudamérica siempre están llevando jugadores a Europa. Así que se ve que tenemos buenos jugadores, sobre todo acá en Argentina, como Messi, que están mundialmente reconocidos; tenemos Maradona, y bueno, muchos jugadores, como Kun Agüero. Entonces es que es bueno el fútbol sudamericano.

Pero el fútbol argentino ahora está regular. No está malo, a nivel mundial tiene buenos jugadores, pero colectivamente, grupalmente, está un poco decaído porque tiene una coordinación mala, y se ve que no se invierte bien para hacer buenos equipos sobre todo en la selección argentina, por eso que estamos casi siempre cambiando de director técnico y nunca estamos pacientes y conformes con el que está. Así que... localmente los nuestros tendrían que ser más unidos: tanto dirigentes, los técnicos, y los jugadores, para poder hacer un buen plantel y hacer un buen papel en los mundiales o en los campeonatos sudamericanos que hay acá.

Cuando miro el techo<sup>40</sup> de la cancha yo siento orgullo. Porque soy argentino y son grandes jugadores los que están ahí en el cartel con Messi, Maradona, Palermo, Bochini, Kun Agüero, Batistuta... y son todos jugadores referentes nuestros de Argentina que siempre dieron que hablar y dejaron bien la centalla en la selección.

---

<sup>39</sup> Considerados um dos maiores jogadores da história do futebol argentino e do Independiente, sendo inclusive um dos ídolos de Maradona.

<sup>40</sup> A imagem analisada referente ao bairro de Barracas consiste numa pintura que reveste o teto de uma quadra poliesportiva.

Bueno, en relación a 1986, puedo decir que siento orgullo porque Maradona fue un gran jugador, muy bueno y yo te puedo decir mejor del mundo porque lo vi jugar a él y a Pelé no lo vi jugar; hay también los alemanes, que son también buenos jugadores, pero no, ¡yo voy ser más un poco nacionalista!, porque me gusta hablar de los nuestros, entonces no puedo hablar por otros, y de otros jugadores. Yo te hablo de Maradona, Messi, Kun Agüero, Batistuta, Crespo y bueno, siento orgullo, orgullo porque son argentinos, son nuestros, y me gusta verlos en la cancha; ¡me gusta sobre todo cuando se canta el himno nacional! Me siento orgulloso, ni hablar de cuando hacemos goles ¿no?, que también es un orgullo y a me das mucha satisfacción que acá han hecho.

De Maradona yo te hablo solamente como deportista. Fue muy importante para la nación argentina Maradona, a igual que Messi, a igual que Batistuta, que Crespo, Kun Agüero, Palermo - que nos dio un gol que da la clasificación para ir al mundial – Di Maria... todos esos jugadores dan esta satisfacción. Podemos no conseguir campeonatos, pero si ya representen el país, yo me siento conforme, me siento bien. Después si la disputan o se da posibilidad de salir campeón, mejor, ¡bienvenido sea!, pero el importante es que siempre esté el equipo argentino representando el país. Y Maradona, con todo que jugó en el mundial de 86, con el gol que hizo en los ingleses, y por las Malvinas, fue algo que no digo una venganza, pero fue algo que se vivió muy lindo, muy satisfecho, sobre todo de que le ganemos y lo dejemos afuera los ingleses.

Cuando se habla de Argentina, en el nivel político, te puedo decir Perón, pero también de Maradona, Messi, muy juntos deportistas. En la parte del boxeo a Galíndez, Monzón, que fueron referentes del deporte. Fangio, Ginobili, los Pumas, son todos deportistas nuestros que son argentinos y que nos representan en el mundo. Así que yo me siento orgulloso de ser argentino y de lo que hago como director técnico de Boxeo, y como hombre de deporte, me gusta. Ya te digo que soy hincha de Independiente y que me gustó Bochini y siempre toda la vida. Y bueno, me gusta el deporte sea cual sea, porque creo que hace que la mente quede sana, la mente ocupada, que los chicos se alijen de la calle y de cosas malas que pueden hacer en su vida.

**Figura 2:** A Capela Sistina do futebol argentino



Fonte: Disponível em < <https://www.lanacion.com.ar/deportes/futbol/messi-y-maradona-juntos-en-la-capilla-sixtina-de-barracas-nid2126644>>. Acesso em 14/março/2019.

O caso de Barracas é ainda mais elucidativo no que tange ao processo de apropriação contínua do símbolo de Maradona de acordo com a realidade social. Ao longo do texto acima ficou absolutamente explícita a função social assumida pelo Club Sportivo de Barracas, e especificamente pelo seu diretor técnico de boxe: afastar crianças e adolescentes pobres do mundo do tráfico e da violência. Para tanto, estabelece-se o esporte, em especial o futebol, como a principal ferramenta de inclusão da juventude periférica de Barracas e imediações – de fato, Barracas é um bairro popular e periférico da zona sul de Buenos Aires. Essa condição de protagonismo do futebol é reconhecida, de certa forma, pelo próprio colaborador, apesar de ter estabelecido o boxe como esporte favorito.

Diferentemente do entrevistado de La Paternal, aqui o lugar central de Maradona como principal referência atual do futebol argentino é permanentemente ameaçado por jogadores como Messi, Agüero, Palermo e, sobretudo, Bochini. Contudo, sua admiração por Maradona aumenta à medida que se recorda do ano de 1986 e do jogo contra a Inglaterra, quando menciona o contexto da guerra das Malvinas e chega a qualificá-lo como melhor jogador do mundo, apoiando-se em uma ética nacionalista, como ele mesmo se referiu. Nesse sentido, concebe-se um cenário muito curioso, no qual o prestígio de Maradona oscila conforme sua posição: dentro do universo de jogadores argentinos, sua hegemonia futebolística é mínima, ou sequer mesmo existe, ao passo em que se eleva consideravelmente quando comparado com jogadores de outros países.

Diante desse quadro, depreende-se uma ilação fundamental. Maradona é um motivo de orgulho nacional e é reconhecido por isso; sua capacidade de inspirar milhões de crianças a engajarem-se no futebol a fim de representar a seleção nacional e de conquistar sucesso profissional nunca foi negada, no entanto, sua vida pessoal repleta de polêmicas e de problemas com o consumo de drogas impõe uma necessidade de se filtrar a sua imagem, em virtude da função social assumida pelo clube de Barracas. Para tanto, sua condição de ídolo máximo do futebol argentino é permanentemente assessorada pela presença de outros grandes jogadores deste país, de modo que, seu rosto, bem como sua história, não se tornam as únicas inspirações possíveis para os jovens que se inserem no projeto do Club Sportivo. Essa manobra simbólica com a figura de Maradona se explicita basicamente em duas afirmações proferidas pelo colaborador: “*De Maradona yo te hablo solamente como deportista. Fue muy importante para la nación argentina Maradona, a igual que Messi, a igual que Batistuta, que Crespo, Kun Agüero, Palermo[...]*”. Dito de outro modo, a experiência pessoal do entrevistado como antigo morador de uma *villa de emergência* somada ao contato direto com jovens em situações de vida semelhante e com o próprio projeto do clube, condicionaram a produção de uma narrativa que tende a configurar uma memória sobre o passado do país e do futebol nacional compatível com as demandas sociais da atualidade.

Nesse sentido, a pintura no teto da quadra poliesportiva parece confirmar – e possivelmente também provocar – essa percepção. Embora seja uma obra muito cômica e divertida para os observadores estrangeiros em geral, sua composição interna – mais uma vez recorrendo à Barthes (2003) – revela as interpretações já mencionadas. Sua

óbvia conexão com a cultura cristã e ocidental é outro elemento que facilita a reflexão<sup>41</sup>. Nessa obra, nomeada popularmente de a Capela Sistina do futebol argentino, Maradona assume a representação de Deus e Messi a de Adão, enquanto Riquelme, Ortega, Agüero, Caniggia, Batistuta, Mario Kempes e Bochini ocupam o lugar dos anjos. Ora, não é preciso ser um profundo conhecedor da concepção filosófica da arte renascentista para adivinhar que, Deus, isto é, Maradona, não detém a condição de protagonista da obra. A pintura em si, consumada em 2014, articula um cenário no qual apenas dois dos jogadores representados ainda não se aposentaram: Messi e Agüero, que por sua vez nunca assumiu um papel relevante ao longo de sua trajetória na seleção, incapaz de afirmar sua titularidade - e talvez sua identidade - e até mesmo sendo excluído de algumas convocações. Nesse sentido, a configuração interna da obra sinaliza um deslocamento do Deus Maradona, acompanhado dos demais anjos argentinos do passado, com a exceção de Agüero, facilmente identificados, – em oposição ao certo anonimato dos anjos da obra original – em direção à Messi, posicionado suavemente a fim de receber a transferência de toda tradição do futebol argentino a partir da conexão com o dedo de “Deus”. Sendo assim, identifica-se não apenas certo protagonismo atribuído à Messi, uma referência atual das novas gerações de aficionados pelo futebol argentino, como também uma dose de polimento aplicada à “divindade” de Maradona, que, embora permaneça aqui em sua condição de “Deus”, limita-se ao passado; à sua qualidade “criador” de uma tradição, reforçada pela presença de anjos muito poderosos que se reúnem diante de “Deus” para glorificar sua nova e perfeita, criação – Messi, o ponto máximo da ascensão.

### 3.3 Conhecendo La Boca: um Maradona humilde e destemido

Estoy con diecisiete años y no tengo ocupación por ahora. Mi deporte favorito es el fútbol y mi club es Boca. ¡Yo soy de Boca; yo me crié en La Boca! La vida hoy está difícil; se la destruyó el presidente. Hoy en día hay que ganar inmensos pesos. No valen nada.

Desde que nací me he creado en el fútbol. Yo fui a la fundación de Palermo. Era a que yo la abalanzaba a las once de la mañana. La fundación de Palermo es grande, sin palabras. Para cada chico acá del barrio, sin palabras.

En cuestión de fútbol, yo te digo que la Argentina no es basilar de nada, pero es uno de los países que tienen más potencia. Igual que Brasil. Por eso te digo que actualmente ya no es fácil. Es un equipo grande ¿viste? Va para todo, y somos uno de los mejores países igual que ustedes, pero nos faltaría como que te puedo decir... un buen entrenador. Y que Messi lo dejen jugar un poco. A que Messi lo dejen jugar un poco porque a él le dan con el hacha. Es un jugadorazo ese chabón.

La imagen en estatua me da orgullo. ¡Orgullo y humildad!, ¡es argentino!, y porque sos un gran jugador. Mi papá me hacía mirar el mundial de 1986. Hay una película, ¡buena!, y allá yo lo vi porque yo no miré este mundial, no nací a tiempo, pero ¡la piel gallina de emoción! ¿Maradona? A ver cómo te digo: la piel gallina. Para mí es un Dios.

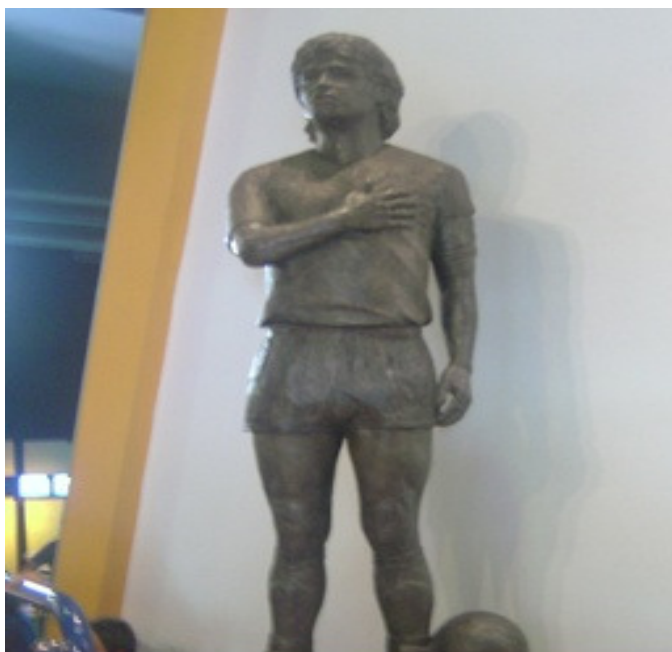
---

<sup>41</sup> Para esta consideração foram importantíssimas as reflexões contidas na obra de PANOFSKY (1996): Significado nas artes visuais.

Desde ya lamento que no lo vi jugar, pero por lo que me contaron y lo que vi en video... Además Maradona es más grande que Pelé, ¡así noma!<sup>42</sup> Acá somos locos por el fútbol. Acá por el fútbol nos llegamos a matar.

Por ellos yo siento emoción, pues somos todos argentinos. Pero en la política hoy en día me da vergüenza. En la política tenemos un presidente que está matando los pobres. Esto está mal, mirate un país ignorante, yo he de creer que eso se tiene que ver con Macri. Y después en el plan del fútbol<sup>43</sup> ...

**Figura 3:** Maradona em pose patriótica



Fonte: Disponível em < <https://www.ludopedio.com.br/museu-galeria/maradona-para-sempre-no-coracao-boquense/>>. Acesso em 28/março/2019.

A experiência em La Boca vislumbrou uma inferência semelhante à aplicada ao estudo realizado em La Paternal, isto é, a constatação de uma identidade sobre o eixo bairro/nação. Entretanto, deve-se acrescentar outro eixo fundamental: a pobreza, permanentemente informada pelo entrevistado em questão. Não sem razão, o bairro de La Boca realmente concentra bastante pobreza<sup>44</sup>. Pois bem, se o primeiro colaborador podia desfrutar de um diploma universitário e do cargo de administrador de um museu muito bem visitado, e o segundo, em que pese sua infância difícil, possuía um emprego fixo, o sujeito abordado em La Boca relatou amargar a dura condição de jovem desempregado. Nesse sentido, não surpreende suas críticas disparadas ao ex-presidente argentino – encerrou seu mandato no fim daquele ano de 2019 – Mauricio Macri. Não

<sup>42</sup> Depois dessa afirmação categórica, o colaborador riu e adicionou certa descontração momentânea à uma narrativa que estava ganhando tons dramáticos, revitalizados logo a seguir.

<sup>43</sup> A entrevista se encerrou abruptamente aqui, visto que o colaborador alegou estar atrasado para um compromisso.

<sup>44</sup> Fui aconselhado por diversas pessoas a não cruzar a linha do trem que separa *El Caminito*, ponto turístico tradicional da região, do interior do bairro, em virtude de ser um “turista”. Entretanto, para fins de pesquisa, não pude obedecer a essa orientação.

surpreende também a admiração ostensiva que demonstrou sentir por Maradona; foi o único dos sete entrevistados que ousou chamá-lo de *Dios*; assim como também não espanta – pelo menos não deveria - o número incontável de artes visuais presentes no bairro representando Maradona.

Ao mesmo tempo em que exprime sua identificação com o bairro - *¡yo soy de Boca; yo me crié en La Boca!* – sua descrição das virtudes e dos sentimentos desencadeados por Maradona é muito ilustrativa: “*orgullo y humildad, ¡es argentino!*”. Nesse caso, depreende-se uma capacidade impressionante presente em Maradona para funcionar como um símbolo de representatividade social; por suas origens, e pelo desejo de ascensão. Mais que isso, a conjugação estridente do nome de Maradona somada à desqualificação de Macri e à reprovação da classe política em geral sinalizam uma invocação de Maradona como símbolo de protesto e empoderamento, reproduzindo uma prática que já havia sido adotada durante os anos 1990 nos estádios argentinos durante jogos da seleção, tal como foi observado por Alabarces (2007). De certa forma, a extensão muito curta dessa narrativa em comparação com as outras acabou reforçando o peso dessas passagens centrais.

No que tange à análise da estátua, observa-se uma configuração imagética relativamente similar ao primeiro caso. Aqui, a representação escultórica, cuja composição do uniforme e de alguns traços físicos aponta para a passagem de Maradona pela seleção, está definitivamente fixada em solo plebeu, no bairro de La Boca, precisamente no museu de futebol do C.A. Boca Juniors, de modo a estreitar os vínculos entre bairro e nação – representada por Maradona. Entretanto, outro fator levemente sutil, mas fundamental, fortalece essa identificação: sua mão direita sobre o local onde se dispõe o distintivo da seleção, remetendo-se ao consagrado ato de cantar o hino nacional antes de uma partida, veiculado em massa pelas transmissões de televisão. Com efeito, a nação passa a não só se aproximar do bairro e do clube do bairro, mas também a legitimá-los, isto é, legitimar suas identidades, de modo que a humildade e a simplicidade convertam-se em sinônimos de patriotismo e da verdadeira representação nacional. Diferentemente das considerações sobre a formação das identidades em La Paternal, a projeção identitária deste caso não parece reproduzir o processo de simbiose estabelecido entre o ídolo e o bairro; vislumbra-se na verdade uma correlação de forças onde o eixo de classe parece determinar as conexões entre bairro, nação e ídolo.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem pretender esgotar o campo extremamente fecundo da investigação histórica e sociocultural a partir do tema do futebol, quer-se anunciar, ao final deste trabalho, três reflexões desencadeadas mediante esse longo processo de estudo, leitura, diálogos, entrevistas e todos os desafios que envolveram a viagem até a Argentina.

Em primeiro lugar, destaca-se a perspectiva já explorada por Alabarces (2007), segundo a qual a figura de Maradona representou para o imaginário popular argentino a “superação do peronismo por outros meios”; inclusive este é o nome do oitavo capítulo de sua obra: *Maradonismo, o la superación del peronismo por otros médios*. Tal conclusão que, diferentemente de Alabarces, defende, pelo menos de maneira parcial, a continuidade desse processo, repousa essencialmente sobre os três principais preceitos apreendidos ao longo dos discursos narrativos e imagéticos considerados neste trabalho: personalismo e familiaridade, integração e ascensão social, e empoderamento.

Como fora observado no segundo capítulo, esses são três conceitos genuinamente peronistas, ao menos no que se refere à tradição do peronismo histórico consagrada nas décadas de 1940 e 1950, e, além disso, permearam frequentemente o processo de decodificação do conteúdo das narrativas e das imagens. Contudo, tais características manifestaram-se com mais clareza de acordo com cada bairro em particular. Em La Paternal, destacaram-se presença do personalismo e da familiaridade, clássicos do Estado assistencialista e benfeitor representado, sobretudo, pela figura de Eva Perón. Ali predominaram as memórias sobre o bairro, e sobre como as histórias familiares se cruzavam com a história do ídolo em questão; Maradona, tão perto, tão enraizado. Já em Barracas, triunfaram as perspectivas de ascensão e integração social, incorporadas na própria experiência de vida do colaborador, e que se harmonizam perfeitamente com as políticas de pleno emprego e aumento salarial, vigentes entre 1945-1955. Nesse sentido, a magnanimidade de Maradona, embora parcialmente reduzida, não anulou seu potencial para seguir representando esse discurso histórico da sociedade argentina. Por último, a análise empreendida em La Boca estabelece como prioridade o discurso do empoderamento social. Diferentemente da experiência de Barracas, aqui não se observa a cautela com os aspectos “polêmicos” da vida de Maradona, pelo contrário, reconhece-se sua capacidade de operar como verdadeiro catalisador das reivindicações populares e do protesto social, que culminam na sua legitimação como uma espécie de líder nacional, ecoando de certa forma todo o fortalecimento do ativismo operário e sindical estimulado por Perón durante seus governos – apesar das cooptações. Além disso, duas das três narrativas reproduzidas lhe invocaram como a única personalidade política digna de menção positiva quando questionados sobre o assunto, enquanto que o colaborador de La Boca, sujeito a uma longa distância temporal, denunciou o governo neoliberal de Macri – muito diferente, senão o contrário do que representou Perón.

Em segundo lugar, cabe destacar o imenso potencial de produção de cultura popular observado ao longo da visita à Argentina. Em que pese os efeitos da globalização da comunicação de massa e da mercantilização agressiva do futebol argentino, sustenta-se que os bairros, os clubes esportivos e os estádios ainda são locais privilegiados para a produção de uma cultura popular relativamente autônoma e ao mesmo tempo diversificada.

Por fim, este trabalho se encerra com um exercício de pura conjectura: defendida a condição de Maradona como símbolo genuíno de representação nacional, reconhece-se, entretanto, certa imprevisibilidade e precariedade contidas nesta representação. Nesse sentido, cabe refletir sobre a condição de sua hegemonia e durabilidade. Será efeito dos fracassos acumulados por Messi na seleção? Ou da incerteza e insatisfação com os rumos políticos e econômicos do país? Ou ainda quem sabe, uma combinação de ambos? Essas são perguntas que certamente poderão ser aproveitadas para uma continuação futura desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ALABARCES, Pablo. *Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.
- \_\_\_\_\_. *La Patria, Maradona y Messi: variaciones sobre el ser nacional*. In: CORNELSEN, Elcio; AUGUSTIN, Günther; DA SILVA, Silvio Ricardo (org.), *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015. V.1, p. 165-176.
- \_\_\_\_\_. *Peronistas, populistas y plebeyos: crónicas de cultura y política*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2011.
- ALBERTI, Verena. *Ensaio bibliográfico: obras coletivas de história oral*. Revista do departamento de História da UFF, v.2, n.3, p.206-219, jun. 1997. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6780/415.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 de agosto de 2018.
- \_\_\_\_\_. *Histórias dentro da História*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. V.1, p. 155-202.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. Ciudad de México: Colección Popular, 1993.
- ANTEZANA, Luís J.H.. *Fútbol: espectáculo e identidade*. In: ALABARCES, Pablo (coord.), *Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires: CLASCO, 2003. V.1, p. 85-98.
- ARCHETTI, Eduardo P. *Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Deldragón, 2016.
- BARTHES, Roland. *Elementos da semiologia*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Mitologias*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.
- BAYER, Osvaldo. *Fútbol argentino: pasión y gloria de nuestro deporte más popular*. Buenos Aires: Planeta, 2016.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Unesp, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Variedades da história cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: Unesp, 1998.

CERTAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

DAMATTA, Roberto. *O significado do esporte na sociedade moderna e do futebol no Brasil*. In: DINES, Alberto (org.), *Espaço na mídia: História, cultura e esporte*. Brasília: Banco do Brasil, 2001. V.1, p. 24-36.

\_\_\_\_\_. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

DOUGAN. *Futebol e guerra: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

FERREIRA, Maneta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

FERRO, Marc. *História das colonizações*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FOCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

HAUSER, Arnold. *História social da arte e da literatura*. São Paulo: Martins, 2003.

HOBBSAWM, Eric J. *A era do capital 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

\_\_\_\_\_. *A era dos impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *Ecossistema da semana de arte moderna? A recepção ao futebol em São Paulo e o movimento modernista nas décadas de 1920 e 1930*. In: CORNELSEN, Elcio (org.); AUGUSTIN, Günther (org.); DA SILVA, Sílvio Ricardo (org.), *Futebol, linguagem, artes, cultura e lazer*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2015. V.1, p. 17-36.

\_\_\_\_\_. *Futebol, arte e política: a catarse e seus efeitos na representação do torcedor*. In: *Organizações e Sociedade*, v.16, n.48, p. 123-140, mar. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/osoc/v16n48/06.pdf>. Acesso em: 26 de agosto de 2018.

JUNIOR, Hilário Franco. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LE GOFF, Jacques. “*Documento-monumento*”. In: *História e Memória*. Campinas-SP: Unicamp, 1990.

MANINI, Miriam Paula. *Análise documentária de imagens*. *Informação e sociedade*, v.11, n.1, p.1-5, 2001. Disponível em:

<https://search.proquest.com/openview/ed63d148a32cd95315d84aec7000adfa/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2030753>. Acesso em: 01 de janeiro de 2019.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. *Guia Prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades e famílias*. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. *Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro*. Revista de História da USP, v.1, n.155, p.191-203, dez. 2006. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19041/21104>. Acesso em: 11 de agosto de 2018.

MURMIS, Miguel; PORTANTIERO, Juan Carlos. *Estudios sobre los orígenes del peronismo*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2004.

PALERMO, Vicente. "El menemismo ¿perdurará?". Revista uruguaya de ciencia política, v.6, p.139-166, 1993. Disponível em: [https://www.colibri.udelar.edu.uy/jspui/bitstream/123456789/7083/1/RUCP\\_Palermo\\_1993v.6.pdf](https://www.colibri.udelar.edu.uy/jspui/bitstream/123456789/7083/1/RUCP_Palermo_1993v.6.pdf). Acesso em: 13 de julho de 2018.

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

PEIRANO, Mariza. *O dito e o feito: ensaio de antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

PRADO, Maria Lígia. *O populismo na América Latina: Argentina e México*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

RISSO, Julio Leandro. *Identidad nacional y otredad indígena en la formación del Estado Nación argentino: una propuesta de lectura (a través) de Martín Fierro*. Revista Pilquen, v.18, n.3, p.92-106, dez. 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.org.ar/pdf/spilquen/v18n3/v18n3a08.pdf>. Acesso em: 03 de novembro de 2018.

ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

ROSTICA, Julieta Carla. *Las dictaduras militares en Guatemala (1982-1985) y Argentina (1976-1983) en la lucha contra la subversión*. Latinoamérica. Revista de estudios Latinoamericanos, v.1, n.60, p.13-52, jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/pdf/latinoam/n60/n60a2.pdf>. Acesso em: 01 de novembro de 2018.

SHUMWAY, Nicolas. *A invenção da Argentina: história de uma ideia*. São Paulo: Edusp, 2008.

TELLA, Torcuatto Di. *História social da Argentina contemporânea*. Brasília: FUNAG, 2017.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

## FONTES

**Argentino recria Capela Sistina em que Maradona é Deus e Messi é Adão.** *Folha de S. Paulo*, 27 de abril de 2018. Disponível em: <

<https://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2018/04/argentino-recria-capela-sistina-em-que-maradona-e-deus-e-messi-e-adao.shtml>>. Acesso em: 10 de setembro de 2018.

**Inauguran una estatua y un mural en homenaje a Diego Maradona.** *BAE Negocios*, 01 de novembro de 2018. Disponível em: <

<https://www.baenegocios.com/sociedad/Inauguran-una-estatua-y-un-mural-en-homenaje-a-Diego-Maradona-20181031-0070.html>>. Acesso em: 15 de abril de 2019.

**GIGLIO, Sérgio Gettani.** Maradona para sempre no coração boquense. Ludopédio.

Disponível em: <<https://www.ludopedio.com.br/museu-galeria/maradona-para-sempre-no-coracao-boquense/>>. Acesso em: 09 de maio de 2019.

**La legislatura porteña homenajeará a Maradona con un monumento y un mural en La Paternal.** *Télam*, 30 de outubro de 2018. Disponível em: <

<https://www.telam.com.ar/notas/201810/301548-la-legislatura-portena-homenajeara-a-maradona-con-un-monumento-y-un-mural-en-la-paternal.html>>. Acesso em: 07 de abril de 2018.

**Messi y Maradona, juntos en la “Capilla Sixtina” en Barracas.** *La Nación*, 18 de abril de 2018. Disponível em: < <https://www.lanacion.com.ar/deportes/futbol/messi-y-maradona-juntos-en-la-capilla-sixtina-de-barracas-nid2126644>>.

Acesso em: 07 de abril de 2018.

**SACHETO, Cesar.** Clube argentino cria ‘ Capela Sistina do Futebol’ com Messi e Maradona. *R7*, 18 de abril de 2018. Disponível em: <

<https://esportes.r7.com/prisma/copa-2018/clube-argentino-cria-capela-sistina-do-futebol-com-messi-e-maradona-18042018>>. Acesso em: 09 de setembro de 2018.